

A faint, light-colored line drawing of Paulo Freire's face, showing his characteristic glasses and beard, serves as a background for the text.

**Minha carta a
Paulo Freire**

Cynthia de Andrade Correia Pinto
Luciano Parreira Buchmann
Robson Rosseto
Solange Maranhão Gomes
(Organizadores)

Minha carta a Paulo Freire

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Minha carta a Paulo Freire [livro eletrônico] /
organização Cinthia de Andrade Correia
Pinto...[et al.]. -- Paranavaí, PR : Universidade
Estadual do Paraná, 2021.

PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Luciano Parreira Buchmann,
Robson Rosseto, Solange Maranhão Gomes.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-32668-0

1. Cartas - Coletâneas 2. Educação - Filosofia
3. Educação - Finalidade e objetivos 4. Freire,
Paulo, 1921-1997 - Crítica e interpretação
5. Pedagogia crítica 6. Professores - Formação
7. Sociologia educacional I. Pinto, Cinthia de
Andrade Correia. II. Buchmann, Luciano Parreira.
III. Rosseto, Robson. IV. Gomes, Solange Maranhão.

21-85885

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Pedagogia crítica : Educação 370.115

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

REITORA: Salete Machado Sirino
VICE-REITOR: Edmar Bonfim de Oliveira
CHEFE DE GABINETE: Ivone Ceccato
PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO: Marlete dos Anjos Silva Schaffrath
PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO: Renan Bandeirante de Araújo
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA: Rosimeiri Darc Cardoso
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS: Celso Santo Grigoli
PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO: Sydnei Roberto Kempa
PRÓ-REITORA DE GESTÃO DE PESSOAS: Maria Perpétua Abib Antero

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) - Unespar

COORDENADORA INSTITUCIONAL:
Ana Carolina de D. B. Krawczyk

SUBPROJETOS

Campus APUCARANA

LÍNGUA INGLESA

Ana Paula Trevisani (coordenadora)

Maria Fernanda Cirino de (supervisora)

Colégio Estadual Heitor C. A. Furtado - EF M PROFIS

LÍNGUA ESPANHOLA

Amabile Piacentine Drogui (coordenadora)

Valquiria Mendes de Oliveira Domingos (supervisora)

Colégio Estadual Pe. Jose de Anchieta - EF M PROFIS

LÍNGUA PORTUGUESA

Julio William Curvelo Barbosa (coordenador)

Andrea de Oliveira (supervisora)

Colégio Estadual Nilo Cairo – EF M N

MATEMÁTICA

Fabio Luis Baccarin (coordenador)

Melissa Cardoso Furtado Kisner (supervisora)

Colégio Estadual Antonio T. R. de Oliveira – EF M

PEDAGOGIA - ALFABETIZAÇÃO

Eromi Izabel Hummel (coordenadora)

Rose Cristina (supervisora)

Escola Municipal Fernando J. Acosta - EI EF

Campus CAMPO MOURÃO

LÍNGUA INGLESA

Marileuza Ascencio Miquelante (coordenadora)

Adriana Novais (supervisora)

Colégio Estadual Mal. Rondon - EF M PROFIS

MATEMÁTICA

Wellington Hermann (coordenador)

Wagner Szpak (supervisor)

Colégio Estadual Mal. Rondon - EF M PROFIS

Josimere Nunes da Silva (supervisora)

Colégio Estadual IVONE S CASTANHARO - EF M PROFIS

Campus CURITIBA I

ARTE – DANÇA

Cinthia de Andrade Correia Pinto (coordenadora)

Claudia Luciane Zanetti (supervisora)

Colégio Estadual Santa Gemma Galgani - EF M

Maura Ferreira Probst (supervisora)

Colégio Estadual do Paraná - EF M PROFIS

ARTE – MÚSICA

Solange Maranhão Gomes (coordenadora)

Alexsandra Padilha Guerra (supervisora)

Colégio Estadual Prof. Loureiro Fernandes - EF M PROFIS

ARTE – TEATRO

Robson Rosseto (coordenador)

Melissa de Melo Wakim (supervisora)

Colégio Estadual Dr. Xavier da Silva - EF M

Jefferson Araujo Moraes (supervisor)

IFPR *Campus* Pinhais

ARTE – ARTES VISUAIS

Luciano Parreira Buchmann (coordenador)

Denize Peplow Tome (supervisora)
Colégio Estadual Prof. Loureiro Fernandes - EF M PROFIS
Colégio Estadual do Paraná - EF M PROFIS

Campus PARANAGUÁ

BIOLOGIA

Fabiane Fortes (coordenadora)
Tayanghi Karina Los (supervisora)
Colégio Estadual Cidalia Rebello Gomes - EF M

LÍNGUA PORTUGUESA

Luciana Ferreira Leal (coordenadora)
Cintia Pons Clavijo (supervisora)
Colégio Estadual Cidalia Rebello Gomes - EF M

PEDAGOGIA – ALFABETIZAÇÃO

Leocilea Aparecida Vieira (coordenadora)
Flavia Morbach (supervisora)
Escola Municipal em Tempo Integral Prof.^a Naya Castilho - EI EF

Campus PARANAÍ

BIOLOGIA

Marcia Regina Royer (coordenadora)
Viviane Fernandes Mendonca (supervisora)
Colégio Estadual Dr. Marins A de Camargo - EF M PROFIS
Adriana De Souza (supervisora)
Colégio Estadual Adelia Rossi Arnaldi - EF M

EDUCAÇÃO FÍSICA

Eliane Josefa Barbosa dos Reis (coordenadora)
Gyslaine Suely Silva Reys (supervisora)
Escola Municipal Dacia F Fortes - EI EF
Cleverson da Silva Lopes (supervisor)
Escola Municipal Rotary Arenito - EI EF

LÍNGUA PORTUGUESA

Patricia Josiane Tavares da Cunha (coordenadora)
Maria Aparecida Martins Ernandes (supervisora)
Colégio Estadual Prof. Bento M. da R. Neto - EF M PROFIS

MATEMÁTICA

Rafael Mestrinheire Hungaro (coordenador)

Maria Eni Santana Pereira (supervisora)

Colégio Estadual Dr. Marins A de Camargo - EF M PROFIS

PEDAGOGIA – ALFABETIZAÇÃO

Lucineia Maria Lazaretti (coordenadora)

Carisse Nubia Chaves (supervisora)

Escola Municipal Dacia F. Fortes - EI EF

Luara Alexandre dos Santos (supervisora)

Escola Municipal Prof.ª Noemia R. Amaral - EF

Campus UNIÃO DA VITÓRIA

BIOLOGIA

Carla Andreia Lorscheider (coordenadora)

Tatiana Priscila Tidre (supervisora)

Colégio Estadual Inocencio de Oliveira - EF M

MATEMÁTICA

Maria Ivete Basniak (coordenadora)

Celso Marczal (supervisora)

Colégio Estadual Tulio de Franca - EF M PROFIS

PEDAGOGIA – ALFABETIZAÇÃO

Kelen Dos Santos Junges (coordenadora)

Suzete Rossa Seger (supervisora)

Escola Municipal Cel. David Carneiro - EI EF

Aline Nataly Wolf Ksteski (supervisora)

Escola Municipal Fruma Ruthenberg - EI EF

QUÍMICA

Elias da Costa (coordenador)

Matusael Matoso (supervisor)

Colégio Estadual Pedro Stelmachuk - EF M

Cristiane Elizabeth Gabiec (supervisora)

Colégio Estadual Judith Simas Canellas – EF M

Melissa Georgia Schwartz (supervisora)

Colégio Estadual Jose de Anchieta - EF M

Programa Residência Pedagógica - Unespar

COORDENADORA INSTITUCIONAL

Josiane Aparecida G. Figueiredo

Campus APUCARANA

LÍNGUA PORTUGUESA

Ana Paula F. de Mendonça (coordenadora)

Elivete Zanutto Gomes Rodrigues (preceptora)

Colégio Estadual Prof. Izidoro Luiz Cerávolo

LÍNGUA INGLESA

Raquel Silvano Almeida (coordenadora)

Mayara de Lima (preceptora)

Colégio Estadual de EF e EM Polivalente de Apucarana

MATEMÁTICA

José Ricardo dos Santos (coordenador)

Fabiane de Carvalho da Silva (preceptora)

Colégio Estadual de EF e EM Polivalente de Apucarana

PEDAGOGIA

Ricardo Desidério da Silva (coordenador)

Patrícia de Jesus Pinto (preceptora)

Escola Municipal Luiz Carlos Prestes

Maria Aparecida Silva (preceptora)

Escola Municipal Doutor Osvaldo dos Santos Lima

Campus CAMPO MOURÃO

LÍNGUA PORTUGUESA

Jacqueline C. Sanches Vignoli (coordenadora)

Rosângela Fernandes de Oliveira (preceptora)

Colégio Estadual Professor Darcy José Costa – EF M

Édina do Sacramento Alves Anselmo (preceptora)

Colégio Estadual de Campo Mourão - EF M PROFIS

MATEMÁTICA

Talita Secorun dos Santos (coordenadora)

Sara Batista (preceptora)

Colégio Estadual de Campo Mourão - EF M PROFIS

HISTÓRIA

Ricardo Marques de Mello (coordenador)

Daniela Moraes de Almeida (preceptora)

Colégio Estadual Vinícius de Moraes

Nair Sutil (preceptora)

Colégio Estadual Prefeito Antônio Teodoro de Oliveira

Eva Simone de Oliveira (preceptora)

Colégio Estadual Professor Darcy José Costa

Campus CURITIBA I

ARTES

Vanisse Simone Alves Corrêa (coordenadora)

Tânia Regina Pires Baldão (preceptora)

Colégio Estadual Amâncio Moro

Daniela Cristina Ganem (preceptora)

Escola Estadual Nossa Sra. da Salete

Campus PARANAGUÁ

BIOLOGIA

Josiane Aparecida G. Figueiredo (coordenadora)

Fabricia de Souza Predes (coordenadora voluntária)

Michelle Mendes (preceptora)

Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto – EF M

PEDAGOGIA

Elizabeth R. S. de Farias (coordenadora)

Leocilea Aparecida Vieira (coordenadora voluntária)

Francismara Janaina Cordeiro de Oliveira (preceptora)

Escola Mun. em Tempo Int. “Prof.ª Rosclair Silva Costa”

Eliane do Rocio Baptista (preceptora)

Escola Mun. em Tempo Int. “Prof.º João Rocha dos Santos” – EI EF

Campus PARANAÍ

EDUCAÇÃO FÍSICA

Maria Teresa M. Fávero (coordenadora)

Thaysa Cristina Pocrifka Costa (preceptora)

Escola Municipal Prof.^a Elza Grassiotto Caselli – EI EF

Karina Beatriz Eickhoff (preceptora)

Escola Neusa Pereira Braga E.I.E.F

Adriana Aparecida Alécio Sousa (preceptora)

Escola Municipal Getúlio Vargas - E.I.E.F.

MATEMÁTICA

Daniela Barbieri Vidotti (coordenadora)

Maria Borin de Oliveira Zotesso (preceptora)

Colégio Estadual de Paranavaí - EF M PROFIS

PEDAGOGIA - ALFABETIZAÇÃO

Rita de Cássia Pizoli Oliveira (coordenadora)

Adriana Aparecida Rodrigues (coordenadora)

Elaine Lopes Klem (preceptora)

Escola Municipal Prof.^a Noêmia Ribeiro do Amaral

***Campus* UNIÃO DA VITÓRIA**

BIOLOGIA

Clovis Roberto Gurski (coordenador)

Camila Juraszeck Machado (coordenadora)

Maria Lúcia Checozzi de Lima (preceptora)

Colégio Estadual José de Anchieta

Raul Juarez Ferreira (preceptora)

Colégio Estadual Neusa Domit

PEDAGOGIA - ALFABETIZAÇÃO

Valéria Aparecida Schena (coordenadora)

Viviane Vasko (preceptora)

Escola Municipal Maridalva Palamar

Capa: Luciano Parreira Buchmann

Editoração eletrônica: Ricardo Desidério

Revisão: Chandler Rodrigues Bensberg

Comissão Científica Editorial

Ana Carolina de D. B. Krawczyk	Luciana Ferreira Leal
Ana Paula Ferreira de Mendonça	Luciano Ferreira
Ana Paula Trevisani Barreto	Luciano Parreira Buchmann
Carla Andreia Lorscheider	Marcelo Rodrigues de Moraes
Camila Juraszeck Machado	Marcia Regina Royer
Cinthia de Andrade Correia Pinto	Maria Ivete Basniak
Daniela Barbieri Vidotti	Maria Teresa Martins Favero
Elias da Costa	Michelle Mendes
Elizabeth Farias	Michelly Fink
Eromi Izabel Hummel	Rafael Mestrinheire Hungaro
Fabiane Fortes	Raquel Silvano Almeida
Fabio Luis Baccarin	Ricardo Desiderio da Silva
Fabricia de Souza Predes	Rita Cássia Pizoli
Francismara Janaina C. de Oliveira	Robson Rosseto
Israel Cândido da Silva	Solange Maranhão Gomes
Jacqueline Vignoli	Talita Secorun dos Santos
José Ricardo dos Santos	Tatiana de Lima
Josiane Ap. Gomes Figueiredo	Valéria Aparecida Schena
Julio William Curvelo Barbosa	Vanessa Tavares Brito Pinheiro
Kelen dos Santos Junges	Vanisse Simone Alves Correa
Leociléa Aparecida Vieira	

NOTA:

Dado o caráter interdisciplinar desta coletânea, os textos publicados respeitam as normas e técnicas utilizadas por cada autor. A responsabilidade pelo conteúdo dos textos desta obra é dos respectivos autores e autoras, não significando a concordância dos organizadores com as ideias publicadas.

Todo o conteúdo deste e-book está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição - Não - Comercial - Não Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

IMPORTANTE: Muito cuidado e técnica foram empregados na edição deste e-book. No entanto, não estamos livres de pequenos erros de digitação, problemas na impressão ou de alguma dúvida conceitual.

APRESENTAÇÃO

Ao longo dos séculos, cartas selaram relações de amor, de amizade, de diplomacia e de comércio. Enquanto cultura material, a correspondência transformada em memória e documento permitiu que muitos segredos da história fossem desvelados. Esse meio de comunicação interpessoal também serviu de estratégia na literatura, a ver nos romances epistolares como *Lucíola* (1959) de José de Alencar, *A Caixa Preta* (1987) de Amós Oz, de *Ligações perigosas* (1782) de Choderlos de Laclos que teria, inclusive, influenciado o desenrolar da Revolução Francesa.

A carta foi “uma das formas de comunicação que Paulo tanto gostava”, disse Ana Maria Araújo Freire (VIEIRA, 2008, p. 71). Elas sempre estiveram ligadas ao seu trabalho de educador em trocas constantes com professores/as, amigos e instituições. Freire deveria escrevê-las “a mão” ou datilografá-las posteriormente, pois o correio eletrônico se popularizou apenas nos anos 90 com a difusão da internet.

A carta deveria servir-lhe perfeitamente, pois ela “constitui o exercício do diálogo por escrito” (VIEIRA, 2008), além de laço de amorosidade conectando ideias entre remetente e destinatário.

Essa relação fica evidente ao observarmos na obra freireana os cinco livros que evocam o gênero carta¹. Para Edgar Coelho (2011), as cartas pedagógicas trata-se de uma reinvenção do gênero literário, tanto que esse autor considera a obra de Freire como uma pedagogia da correspondência por cartas e livros². Para Coelho, ao intitular seus livros dessa forma, o educador não os estava disfarçando da censura, mas pensando em seus interlocutores, valendo-se de uma comunicação “transparente, obstinado na luta com os oprimidos e oprimidas do mundo” (COELHO, 2011, p. 9).

¹ “Cartas a Guiné Bissau: registro de uma experiência em processo” (1977), “Quatro cartas aos educadores e às animadoras culturais” (1980), “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar” (1993), “Cartas a Cristina” (1994), “Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos” (2000).

² O título do livro de Edgar Coelho é *Pedagogia da correspondência: Paulo Freire e a educação por cartas e livros*. Brasília, Liber Livro, 2011.

Falar de cartas hoje parece algo de um passado muito pretérito. Por que afinal deixamos de escrevê-las? Teria sido apenas a substituição do meio impresso pelo eletrônico? O que nos afastou daquela prática, hoje tão distante? De fato, a tecnologia propiciou um rompimento naquela antiga equação entre o tempo e o espaço que fazia com que uma carta, de sua postagem ao recebimento pelo destinatário, levasse semanas dependendo da distância geográfica (PELBART, 1998).

As cartas que compõem esta publicação são de jovens que, nascidos em tempo da internet, pouco conhecem do sentido de correspondência no formato tradicional da carta, aquele que requer o diálogo pela resposta. Mas nem apenas as cartas eram de pouca familiaridade a esses futuros docentes, muitos ainda desconheciam a "Pedagogia do Oprimido" e sabiam pouco sobre o seu autor.

Esses estudantes que vivem e estudam em cidades e *campi* diferentes da Unespar, de distintos cursos de Licenciaturas: Dança, Artes Visuais, Música, Teatro, Ciências

Biológicas, Educação Física, História, Língua Inglesa, Língua Portuguesa, Matemática e Pedagogia vieram a se encontrar, devido à pandemia da Covid-19, por meio de uma ação cultural desenvolvida pelos programas Pibid e Residência Pedagógica (RP): *“Paulo Freire, ainda hoje”* compuseram as comemorações ao centenário do patrono da educação brasileira na universidade junto à Jornada de Formação Docente Pibid e RP. Foi uma comemoração no aprendizado.

A proposta consistiu na leitura da obra *“A Pedagogia do Oprimido”* pelos estudantes dos programas, com a posterior escrita de quatro perguntas sobre o livro, a serem discutidas nos Círculos de Debate da Pedagogia do Oprimido. Além da participação nesses debates, solicitamos que os estudantes escrevessem uma carta a Freire, podendo nela falar da atualidade, das suas dúvidas, incertezas e surpresas sobre a Pedagogia do Oprimido. Após todas essas ações, eles foram convidados a submeter suas cartas para a presente publicação.

Para nós, que acompanhamos todo esse desenrolar, a comemoração do Centenário de Paulo Freire tem cheiro de fumaça de pavio de vela soprada ao fim de palmas dos “parabéns a você”, de sorrisos e abraços em um grande encontro.

As cartas dos estudantes têm algo daquilo que Paulo logo reconheceria: a ingenuidade a se transformar em autonomia. Falamos que escrever cartas tem muito de amorosidade entre quem escreve e quem recebe, todos sempre souberam que essa carta não chegaria a seu destinatário, mas elas fizeram o inverso.

Equipe organizadora
“Paulo Freire, ainda hoje”

Referências³

³ COELHO, Edgar P. **Pedagogia da correspondência**: Paulo Freire e a educação por cartas e livros. Brasília, Liber Livro, 2011.

PEALBERT, Peter Pál. **O tempo não reconciliado**: imagens do tempo em Deleuze. São Paulo: perspectiva, 1998.

VIEIRA, Adriano. Cartas Pedagógicas. In: STRECK, Danilo *et all.* **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

Paranaguá (PR), 01 de julho de 2021.

“Querido Paulo Freire...

Me chamo Luany e sou estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná - *Campus* Paranaguá e faço parte do programa Residência Pedagógica, o qual tem me proporcionado experiências muito enriquecedoras.

São tantas as coisas que eu gostaria de te dizer, que me faltam palavras para expressar o tanto que aprendi com você. Mas, irei aqui me ousar a te escrever. Quero, primeiramente, te agradecer por todos os ensinamentos, pela sua coerência e principalmente, pela sua preocupação e luta por uma educação de qualidade.

Os dias de hoje não estão muito diferentes da sua época, vivemos tempos difíceis, onde muitos já se conformaram com a situação e acabaram perdendo as esperanças. As críticas e ofensas à sua pessoa e aos seus ideários continuam, mas de uma coisa eu tenho certeza, essas pessoas não sabem o que dizem e obviamente, nunca leram sequer um livro seu.

Infelizmente, aqueles que detêm o poder em nosso país permanecem com a única preocupação de gerar lucros e aumentar o capital. Nessa perspectiva, os ricos seguem ficando cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. A educação, no meio disso tudo, segue sendo deixada de lado, servindo apenas para compactuar com essa ideia.

Mas, assim como eu, existem milhares de pessoas que se inspiram em você e acreditam na educação como um meio de

transformação. As suas obras e os seus ensinamentos seguem vivos, norteando a prática daqueles que são comprometidos com uma educação libertadora, tanto no nosso país, quanto no mundo afora. Seguirei te celebrando como uma forma de resistência e continuação ao seu legado, o qual, se depender de mim, jamais morrerá.

Como professora, prometo continuar seguindo firme, na esperança de que um dia a educação do nosso país seja valorizada, como você sempre almejou, buscando formar sujeitos emancipados, com uma visão crítica da realidade em que vivem. Acredito que esse seja o primeiro passo para alcançarmos uma sociedade mais justa e igualitária, a qual seguirei lutando para conquistar.

Atenciosamente,

Luany da Silva Santos⁴

⁴ Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/*Campus* Paranaguá

Morretes, 09 de junho de 2021.

Paulo Reglus Neves Freire

Freire, lhe escrevo essa carta sentindo um turbilhão de sentimentos, escrevendo de fato a um ídolo, alguém inalcançável perante o meu olhar. Não sei se começo pelos agradecimentos ou questionamentos.

Bom vamos lá! Primeiro gostaria de lhe agradecer por tantos anos dedicados à questão política e educacional do nosso país, obrigada por sempre ter defendido e gritado ao mundo as suas ideias, independentes de como isso o prejudicou.

Obrigada pelo seu legado, que hoje tem pautado a minha formação acadêmica como futura pedagoga, que tem me ensinado valores fundamentais para uma boa prática docente e principalmente, a lutar e a enxergar quem são os opressores e quem são os oprimidos! Mas olha, não foi fácil e não tem sido fácil entender seus enigmas que ao mesmo tempo são tão óbvios e obscuros para mim!

Meus questionamentos estão relacionados às perguntas que hoje você não pode me responder, são questionamentos de diversas pessoas, por que ainda hoje não conseguimos aplicar suas ideias dentro da escola? Porque as pessoas continuam a

jogar pedras nos seus ideais, sem mesmo entendê-los? E o que mais me indigna é pensar que seus pensamentos e teorias ainda se encaixam perfeitamente hoje no ano de 2021 e atuais opressões. Quem sabe um dia, em uma realidade distante conseguimos debater e entender sobre essas questões, obrigada!

Um abraço e até breve!

Renata Cristina da Cunha⁵

⁵ **Residência Pedagógica - Pedagogia- Unespar/*Campus* Paranaguá**

Paranavaí, 23 de junho de 2021.

Querido professor Paulo Freire...

Estamos vivendo tempos difíceis, sabe, professor. Enfrentando uma pandemia mundial de um vírus silencioso, invisível e mortal, o Covid-19, tendo que mudar nossas rotinas e nos adaptarmos à nova realidade. Essas mudanças (é claro) também afetaram a educação, você precisa ver como estão nossas salas de aula agora, todos em frente às telas e cada um em sua casa, vou te contar um pouco de como foi e está sendo essa experiência no decorrer desta carta.

Algumas lições que a pandemia me trouxe, foram alguns aprendizados e novos olhares sobre nossas vidas, inclusive, foi durante esta nova rotina que estamos vivendo que eu tive acesso a você! Te conheci por meio de um programa que eu participo em minha universidade, se chama Residência Pedagógica, ofertado pela Unespar, onde eu estudo, no *campus* de Paranavaí. As pessoas falam muito bem de ti, todos cheios de orgulho e admiração, fizeram até uma homenagem pelos seus 100 anos, professor, você é uma grande referência!

A partir dos encontros que tivemos, eu pude entender que uma das coisas que o senhor mais valorizava eram as rodas de conversa, acredita que tivemos uma que pudemos participar, mesmo em tempos pandêmicos? Isto foi outro ponto que a pandemia pode nos proporcionar, realizar uma roda de conversa com outros alunos de cidades diferentes, para conversarmos sobre você e seus pensamentos.

Nós fomos separados em vários grupos, onde cada grupo tinha uma reunião para debater sobre as ideologias do professor. Eu por exemplo, estive em uma sala com alunos de várias cidades do Paraná, como União da Vitória e Curitiba. Nesta roda de conversa, nós falamos sobre vários tópicos que você nos apresentou em seu livro “Pedagogia do Oprimido”, nós debatemos, trouxemos conceitos, perspectivas e exemplos para nossa realidade. Foi muito bom poder ouvir meus companheiros de roda de conversa, ouvir suas opiniões e experiências diferentes das minhas e desta maneira, trabalhando além do diálogo, a empatia, sempre respeitando as opiniões dos colegas e buscando contribuir com a roda de conversa, com algumas de minhas vivências.

Te conhecer, em meio a uma pandemia, mesmo que seja através da tecnologia, me fez ter novas perspectivas sobre a vida,

sabe, professor, me fez valorizar mais o contato humano, me inspirou a ser uma pessoa melhor, exercer mais a dialogicidade e tentar enxergar onde estou sendo oprimida e opressora em determinadas situações, buscando me encontrar na sociedade e explorando meu interior, descobrindo que eu também posso ser uma pessoa livre e autônoma, sempre acompanhada dos estudos.

A leitura de seu livro “Pedagogia do Oprimido” me fez refletir em vários aspectos, me fez pensar em nosso papel na sociedade e como uma futura professora, me questionei como eu poderia abordar esta ideologia com meus alunos, como trabalhar com metodologias ativas, instigar a dialogicidade e a autonomia dos estudantes, sendo uma mediadora do conhecimento (principalmente em tempos pandêmicos). São temas a serem pensados e discutidos, espero que nos próximos encontros e debates sobre o senhor e suas obras, nós iremos tratar dessas perspectivas, já pensando em uma próxima roda de conversa que pode acontecer.

Participar da “II Jornada de Formação Docente do Pibid e RP Unespar – Paulo Freire: ainda hoje” me influenciou a buscar mais sobre suas ideias, estou motivada a buscar mais conhecimento sobre suas pedagogias e princípios, pois é algo que eu realmente gostaria de trabalhar com meus (futuros) alunos. Quero ler suas

obras e desfrutar de seus pensamentos/filosofias, para um dia, eu poder aplicar em meu ambiente de trabalho.

Obrigada por tudo que você fez pela educação, professor! Acredito que o senhor nunca será esquecido entre nós, pois sua doutrina deixou um legado, uma referência e inspiração. Parabéns pelos seus 100 anos, saiba que mesmo que alguns tentem apagar sua história, nós jamais deixaremos sua luz cessar, obrigada, por tudo.

Cordialmente, de uma grande admiradora de seu trabalho

Priscilla Gomes da Silva⁶

⁶ Residência Pedagógica – Educação Física – Unespar/ *Campus* Paranaíba

União da Vitória, 01 de julho de 2021.

Caro mestre,

Através desta carta lhe contarei um pouco sobre minha experiência e olhar frente aos desafios da educação nos tempos atuais.

Na universidade, cursando Pedagogia, ouvimos e estudamos seus escritos. Em suas obras encontramos a realidade da educação brasileira, a “educação bancária”, por exemplo, é um dos grandes e mais comuns bloqueios que dificultam uma educação libertadora como o senhor defende.

Eu, enquanto acadêmica e futura pedagoga, apesar de atuar a pouco tempo na área da educação, consigo ver e perceber as falhas no contexto educacional, bem como, as desigualdades sociais que a ele afetam, principalmente nas instituições que estão à margem, que não são vistas, ouvidas ou mesmo respeitadas. Neste contexto, a pandemia causada pelo COVID-19, nos mostrou com mais clareza toda esta situação.

A realidade da educação não é bem como nós educadores desejamos, a falta de autonomia docente, de uma gestão democrática, a opressão, entre outros aspectos, tornam a

educação, a escola, um modelo de mercado, sendo que o currículo é um padrão ao qual deve ser seguido sem que se possa contestá-lo. Ressalto que a educação atual é um campo de grandes batalhas diárias, pois os obstáculos aparecem a todo momento, assim cabe aos educadores darem o melhor de si para superá-los.

Em suas obras, mestre, posso enxergar a esperança de uma nova educação, que está voltada para o bem comum, em prol do aprendizado de todos, sem distinção, sem desigualdades e preconceitos, sem exclusão.

Atenciosamente,

Rafaela Thais Morandi⁷

⁷ Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/ *Campus* União da Vitória

União da Vitória, 29 de junho de 2021.

Caro mestre,

Desde que iniciei a minha formação como professora no magistério e agora como pedagoga no ensino superior acompanho suas obras, as quais exibem inúmeras questões em torno da educação que me proporcionam diferentes conhecimentos e despertam diversos pensamentos, fazendo com que eu reflita ainda mais sobre pontos significativos para a minha formação e melhoria da educação.

Recentemente li o seu livro “Pedagogia do Oprimido”, no qual destaca a importância do diálogo para a libertação do oprimido e aborda também a questão da Educação Bancária.

No momento atual a nossa educação ainda é muito precária, principalmente neste momento pandêmico, percebe-se que essa educação ainda está pautada na ideia de “Educação Bancária” citada em seu livro. Nota-se que muitos docentes veem seus alunos como um local para depósito de informações e que infelizmente não compreendem e nem buscam compreender que o aluno é um ser pensante por si próprio e que carrega consigo vivências que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem.

A partir deste referencial, do diálogo e da palavra para a libertação do oprimido, refleti muito em como serei enquanto professora. Então, chego à conclusão que a melhor forma de ensinar os meus alunos é por meio do diálogo, oportunizando

diversos momentos para a fala e debate, respeitando e valorizando seus conhecimentos, suas concepções de mundo e seu posicionamento frente aos diferentes temas tornando-os seres críticos e reflexivos.

O momento pelo qual estamos passando é muito complicado e vem atrasando ainda mais o avanço da educação, portanto futuramente será necessário educadores bem capacitados, que busquem o melhor para os seus alunos, a fim de não apenas transmitir conhecimentos, mas sim transformar conhecimentos, tornando-os seres capazes de modificar a sociedade, com o intuito de torná-la melhor não apenas na educação, mas também na saúde, segurança e política.

E por fim, caro Paulo Freire, quero lhe agradecer por todos ensinamentos deixados em suas obras e, lhe digo que assim como eu, todo educador que tomar conhecimento das mesmas se tornará um bom educador fazendo com que a educação avance e não regrida.

Atenciosamente,

Gabriela Nunes de Souza⁸

⁸ Pibid – Pedagogia – Unespar/ *Campus União da Vitória*

Paranaguá, 04 de junho de 2021.

Prezado, Senhor Paulo Freire,

Gostaria de agradecer a proximidade que seus ensinamentos mantêm com o nosso processo de conscientização, nas aulas da faculdade e nas práticas de alfabetização. Nunca nos veremos pessoalmente, mas suas palavras atemporais ressoam em meu coração, pois sempre que reflito sobre os caminhos de liberdade em algumas situações, o Senhor tem, em alguma de suas obras, a resposta para tais indagações.

Acredito que suas obras fizeram e fazem parte de nossa realidade, porque foram realmente um trabalho de amor, à medida que o Senhor não se deixou corromper por interesses egoístas, mas manteve-se firme em priorizar o bem estar social, respeitando o direito de escolha das pessoas, na especificidade do seu “ser”, no mundo.

Ressaltando sempre o valor da amorosidade em suas teorias, aprendi com o Senhor, a ver as pessoas de um modo mais humano e acolhedor, e isso me transformou em alguns aspectos, porque concluí que a maldade, opressão e ignorância humana, podem partir da falta de consciência, e para isso ainda há

esperança, já que temos a oportunidade de nos reconstruir e reescrever nossa história a cada dia.

Querido Senhor, precisaremos de seus ensinamentos sobre o diálogo, amorosidade, conscientização e luta por autonomia, mais do que nunca, porque vivenciamos um dos mais terríveis momentos que a humanidade já viu, pela contaminação da COVID e também porque teremos que lidar com uma onda de imprevisíveis mudanças que o mundo pós-pandemia ocasionará no viver das pessoas.

Contudo, eu sei que a cada desafio cabe ao seu dia, e que sempre poderemos contar com seus conselhos. Por fim, te parablenizo pelos 100 anos, aonde quer que o Senhor esteja! Sou grata por nossas conversas e por seus conselhos. Sei que nossa amizade vai durar a vida inteira. Obrigada!

Atenciosamente,

Anna Paula de Araújo Bornancin⁹

⁹ Pibid – Pedagogia – Unespar/*Campus* Paranaguá

Bituruna, 05 de junho de 2021.

Ao eterno andarilho da educação...

Querido mestre Paulo Freire, semeador do futuro, sou a Erica Vanzin, uma jovem camponesa, pertencço à agricultura familiar, assentada na região do Contestado. Estudante do ensino superior, quase me formando em Pedagogia na Unespar, *campus* de União da Vitória, Paraná. É uma instituição pública, gratuita e de qualidade, permeada de desafios por ser uma instituição ainda jovem.

Hoje sinto um misto de emoções boas... É imensa a gratidão e alegria em poder escrever para você, sobre você e mais ainda em ter um espaço destinado a expressar como o seu legado permanece vivo, germinando pelas mais variadas sementes, que estão plantadas, se multiplicando por todo o nosso país, se desenvolvendo com raízes fortes e seguras, em um chão que apesar de sólido, possui os nutrientes necessários para resistir e expandir o seu florir, o seu frutificar, o seu alimentar. Também sinto por aqueles e aquelas que desconhecem o seu legado ou

mesmo que negam a sua existência revolucionária e humanizadora.

O senhor, Paulo Freire, revolucionário educador, nascido no dia 19 de setembro de 1921, em Recife-Pernambuco, com o nome completo de Paulo Reglus Neves Freire, menino que deixou oficialmente de levar o sobrenome Regulos, mesmo nome da estrela Alfa Leonis, a mais brilhante de toda a constelação de Leão, que pode ser vista no hemisfério norte, por um erro no cartório. Historicamente, as estrelas foram importantes para as civilizações, servindo como guia e até mesmo como orientação para a criação de calendários agrícolas. Neste sentido seria você o sujeito educador que iluminaria o caminho daqueles que andam semeando práticas de liberdade pelo mundo?

Neste ano, 2021, no mês que marca o início da primavera, comemoramos o centenário do seu nascimento, que vem sendo motivo de diversas comemorações. Neste tempo, somam-se inúmeras citações acadêmicas, publicações, variados centros de documentação, sites, livros, músicas e estudos da sua obra e legado, em vários países do mundo. Você foi agraciado em mais de 39 universidades com o título de Doutor “Honoris Causa”, sendo que em duas universidades brasileiras e uma dos Estados Unidos da América lhe concederam o título de “Professor

Emérito”. E quase uma dezena de Instituições te agraciaram como “Presidente de Honra”.

Foi homenageado como tema da Escola de Samba com o enredo “Um Salto Para a Liberdade: Por Paulo Freire” no ano do meu nascimento, 1999, que consagrou o desfile da Escola de Samba Leandro de Itaquera campeã. Em 2020 foi agraciado novamente, desta vez na Escola de Samba Águias de Ouro, vencedora do Carnaval de São Paulo. Além de ser representado pelos coloridos carros alegóricos do samba, o senhor também foi representado em uma grande escultura de pedra feita pela artista sueca Pye Engstron, em Estocolmo no ano 1972. E seu rosto tem sido estampado em camisetas de jovens progressistas.

Sua obra permanece circulando em variados solos, inclusive, muitos países adotaram o seu nome para representar a dialogicidade, emancipação, consciência, etc. Mas dentre seus inúmeros feitos, gostaria de destacar algo que ainda não citei e que considero um dos maiores reconhecimentos, em 2012, por meio da Lei 12.612 de 13 de abril de 2012. você foi nomeado o Patrono da Educação Brasileira.

Em meio a esse reconhecimento inédito e exitoso, num país que normalmente importa modelos educacionais internacionais, tivemos um entrave, principalmente a partir do ano 2018 com

ataques de políticos e de movimentos conservadores extremistas à sua história, obras e o que você representa à educação pública brasileira, e ganharam certo destaque nas mídias, fundamentados em discursos políticos opressores, classistas, relacionando o seu nome aos resultados insatisfatórios do país em provas internacionais, que só ocorrem por falta de políticas públicas que realmente efetivem as condições dignas do viver, em uma estrutura de sociedade marcada pela desigualdade social.

Para boa parte dos professores a “Educação como prática da liberdade” se tornou um sonho, para outros uma gigantesca utopia, e para nós, aqueles que tentamos e lutamos cotidianamente para nos tornarmos educadores populares, definimos seu legado como uma pedagogia do diálogo, da libertação e aquela que acredita profundamente na humanidade, por isso, necessária para a urgente luta por uma transform(ação).

Assim, é possível afirmar que sim, ainda há muito que nos reinventarmos e re(existirmos), nos desamarrarmos. Utilizo esse termo – desamarrarmos – porque como plantas que foram semeadas e que estão em crescimento, nos encontramos tantas vezes sufocadas por corda de violas, um tipo de erva daninha muito bonita, mas que estagna silenciosamente o desenvolvimento de plantas frutíferas; essas cordas, plantas que

oprimem, também podem ser relacionadas com a educação que mantem um modelo conservador, bancário que parece prevalecer em boas partes das escolas.

Ainda estamos e passamos pelo estado que você denominou por consciência transitiva, aquela ainda que ingênua, buscando mesmo que de forma simples a interpretação dos problemas, abre luz para consciência crítica, que se edifica a partir de uma educação dialógica, voltada para autonomia, responsabilidades social e política, desvelando e transformando a realidade.

Neste momento, de complexa conjuntura pandêmica, onde a condução caótica das políticas de saúde no Brasil, que vem afetando a população, especialmente a classe trabalhadora, devemos ser conscientes da nossa posição/atuação no mundo, nos somando e nos encontrando em diferentes espaços, ainda que virtuais, e assim dando forças uns aos outros.

Podemos nos guiar pela sabedoria da natureza, conhecendo nossa própria essência de ser como angiospermas, plantas com capacidade de produzir flores e frutos, que se multiplicam e produzem em variadas estações. Se não contamos com a luz do sol todos os dias para crescermos, a exemplo dos girassóis, enquanto coletivo, devemos nos voltar para nós mesmos,

buscando energia, aquela que necessitamos em momentos nublados.

Finalizo a minha carta dizendo que gostaria de te encontrar em círculo de cultura, a sombra de um pé de mangueira... Eu constantemente te procuro e te encontro, te vejo em Giselle, Joana, Filó, André, Josiane, Daniele, Sandra, Ariane, Mayara, Viviane... Sempre em espaços circulares, repletos de mística, esperança e amorosidade, teremos uns aos outros e teremos esperanças...

Com amor,

Campesina,

Erica Vanzin¹⁰

¹⁰ Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/ *Campus* União da Vitória

Porto União, 10 de junho de 2021.

Querido mestre Paulo Freire,

Fiquei sem jeito para iniciar essa carta, gostaria mesmo que fosse real, que conseguisse sentir-se perto do senhor e ouvir suas palavras de esperança e fé na educação. Gostaria de ter tido a oportunidade de sentar-me e dialogar sobre a minha esperança e desesperança ao caminhar pelo campo da educação.

Este ano me formo em Pedagogia, na verdade faltam menos de 200 dias para isso acontecer, e fiquei um pouco emotiva e resolvi sentar para escrever essa carta, claro que gostaria de trazer aqui todas as teorias que aprendi, mas a cada palavra digitada eu percebo que não iria conseguir, pois o que eu aprendi foi muito além das teorias, a Pedagogia me ensinou a ser humana. Eu li e experimentei muitas realidades nessa jornada acadêmica. Assim como ela me transformou, desejo intensamente fazer isso com meus alunos, experimentar a transformação das nossas realidades. E desde o início dessa jornada ouvi o seu nome, e como me trouxe alegria conhecer seus livros, eles são poderosos e cheios de caminhos para uma libertação real. Eu me libertei de uma cegueira crônica e comecei a olhar com empatia e amor para

os que estavam ao meu lado. Hoje, muito feliz digo que a educação me salvou, suas palavras me salvaram e agora tenho um desejo enorme de transgredir, e essa palavra TRANSGREDIR se faz presente em mim, e em cada ação do meu dia a dia. Lendo seus livros tive o privilégio de conhecer outros autores que citavam suas palavras e um desses autores é a Bell Hooks, ela tem me ensinado o ato de transgredir e enxergar uma prática da liberdade. Em um de seus livros ensinando a transgredir, fiz uma leitura atenta de cada página e entendi a emergência que temos na educação de viabilizar e dar voz a todos. Porém, vivemos um momento difícil e admito que estou um pouco cansada e com uma desesperança enorme. Estamos no meio de uma pandemia de um vírus que forçou o fechamento das escolas e infelizmente com governantes no poder que pouco se importam com as vidas que estão sendo devastadas. A pobreza e a desigualdade social só aumentam, a fome voltou a ser presença em muitos lares brasileiros. Vivemos agora um desgoverno, os que estão no poder diminuem o poder da ciência, da educação e da libertação.

Estamos tentando lutar mesmo diante de todo o medo, estamos tentando fazer a educação não parar. Mas, todos os dias parece que perdemos. As escolas estão fechadas, faltam recursos básicos para os alunos conseguirem continuar estudando, os

professores estão sobrecarregados e desvalorizados. Não consigo olhar com um olhar de esperança para o futuro, minha mente me leva a pensar em como será o retorno para as escolas, que ainda permanecem em um sistema excludente e tradicionalista. Como pensar uma volta? Como será essa volta? Com um olhar realista e crítico vai ser um caos, um desafio talvez nunca vivido pelo contexto escolar. Talvez essa seja a hora de romper os discursos vazios e colocar em prática uma educação da liberdade, ouvindo e validando a realidade dos nossos alunos, através de um diálogo feito com amor e fé.

Por mais que esteja assustada e com desesperança, Mestre Paulo Freire, te digo que meu coração e mente seguem acreditando que a educação muda vidas e essas vidas mudam realidades. E assim, juntos vamos transformar e libertar almas, mentes e corações. Nisso que acredito.

Com carinho

Mayara Cristina Teixeira Ribeiro Dos Santos¹¹

¹¹ Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/ *Campus União da Vitória*

Curitiba, 11 de março de 2021.

Caríssimo Patrono da Educação,

Olá Sr. Paulo Freire, por muitos dias almejei poder entrar em contato, uma vez que, parece que seus textos foram escritos para mim.

Eu sou a Ana Beatriz, atualmente estou cursando o primeiro ano de licenciatura em Artes Visuais pela Unespar - *Campus* Curitiba II, mais conhecida também como FAP – Faculdade de Artes do Paraná, um dos poucos no país que oferece uma gama de cursos voltados exclusivamente para as várias linguagens das artes.

A minha história com a licenciatura não é nova, quando eu era criança vi minha mãe se dedicar por quatro anos à graduação em Pedagogia, enfrentando as lutas diárias. Já adulta, se tornou a primeira pessoa de minha família com o ensino superior concluído em uma universidade pública. Hoje, diga-se de passagem, ela é uma das profissionais que eu mais admiro.

Quando chegou o momento de escolher o que eu queria como profissão imaginei inúmeras possibilidades, porém, nunca me vi em nada, pois, tinha minha mãe como espelho e queria

fazer, assim como aconteceu com ela, algo que fizesse meus olhos brilharem e eu pudesse falar daquilo que faço com amor junto de um sorriso estampado no rosto. Sendo assim, aos 17 anos, iniciei minha história na pedagogia, foram dois anos incríveis, os quais eu carreguei ensinamentos, histórias e amizades com muito amor, porém, chegou um momento em que o medo e a insegurança do que eu escolhi começaram a falar mais alto.

Com tantas turbulências que afligem quem escolhe a licenciatura como sua paixão, eu não saí ileso e comecei a questionar se eu realmente era feliz com a minha escolha, lhe contarei o motivo.

Sabe, dói, se tivermos uma alma eu me arrisco em dizer que a dor chega nela.

Dói a desvalorização mesmo depois de anos de luta, ver a licenciatura sendo resumida a nada e deixada constantemente em segundo plano.

Dói ver que para os nossos jovens a licenciatura raramente será vista como primeira opção.

Dói ver colegas de profissão tão desacreditados e com tanta desesperança por terem suas carreiras constantemente sendo colocadas em jogo pelo desinteresse político e econômico.

Dói perceber que o comodismo é muito mais confortável do que continuar repetindo nossas reivindicações, uma vez que sabemos que nossos gritos são sempre abafados.

Porém, diariamente tento ressignificar a minha dor, como bem disse em um de seus livros, “não deixe com que o medo do difícil paralise você”. Eu tenho enfrentado diariamente o “medo do difícil”.

Não é uma luta fácil, é uma batalha árdua, rotineiramente, já que ser professor, em todo os contextos, excepcionalmente nos dias atuais, é um ato político e de força que enfrenta e resiste, para vencer os monstros que estão à espreita a nos vigiar.

Rogo constantemente que afastem de mim esse cálice que empurram para nós, pois eu acredito que o sol renasce a cada dia para todos e principalmente para nós que vemos essa estrela como uma nova chance de recomeço.

Ao sentir nossa pele aquecendo com o calor da esperança de que dias melhores virão e nós, que acreditamos veementemente que na educação, que detém essa força vital de mudar as pessoas e estas sim fazerem do mundo um lugar melhor para seguirmos adiante.

E por isso, tenho força em levantar todos os dias e seguir lutando por aquilo que eu amo tanto. Para mim, é impossível

aceitar a vida do jeito que ela me foi imposta, por isso eu estou hoje em um curso de arte visuais, pois acredito que essa seja uma das grandes formas de instigar e criar questionamento nas pessoas.

Senhor Freire, acredito que era isso que eu precisava para compreender o que eu tanto amava na pedagogia e só consegui ver agora, depois de um ano longe dela, eu amo o que ela criou em mim, assim como a arte bem como seus escritos. Essa vontade incontrolável de acreditar nas pessoas, esse esperar e conseguir ver o mundo por outra ótica, acima de toda a névoa que tem nos envolvido. Acho que essa é uma das maiores forças que aquele que escolhe a educação como vocação tem, essa força que vem lá de dentro em acreditar que o mundo é um lugar bom e que as pessoas que aqui vivem são incríveis. Por isso digo, ainda há esperança.

Meus eternos agradecimentos pelos seus ensinamentos,

Ana Beatriz Cavali¹²

¹² Pibid - Artes Visuais – Unespar/ *Campus Curitiba II*

Porto União-SC, 09 de junho de 2021.

Querido mestre Paulo Freire.

Fico lisonjeada por ter a oportunidade de escrever esta carta para o senhor, e triste por não o ter aqui entre nós, para aprender muito mais com suas ideias e ensinamentos.

As contribuições que tens proporcionado até os dias de hoje para todos nós, principalmente para educadores do mundo todo, que ao seguirem seu exemplo tornam-se docentes a favor da educação libertadora e que usam a dialogicidade e problematização para lecionarem suas aulas segundo seus ensinamentos.

Como o professor sempre dizia “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Pensar em uma educação freireana é pensar em muitas inovações, é mobilizar conhecimentos em prol de uma transformação social que vai chegar no bem viver, lugar onde todos possuem oportunidade e espaço de expor suas ideias e trocar conhecimentos, contextualizando e problematizando assuntos relevantes da educação e até mesmo da sociedade atual.

Adoro essa frase: “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” Faz compreender que construímos conhecimentos através das relações estabelecidas uns com os outros em um processo de convivência e aprendizagem coletiva.

Sendo assim, pode estar certo de que suas ideias e seus escritos continuam cativando o mundo, e certamente permanecerão por muitos e muitos anos. Seu exemplo nos moveu pela sua dedicação à educação e aos movimentos sociais, sempre defendendo a democracia, a autonomia e humanização dos homens e mulheres.

Por isso, agradeço por seu legado, seus exemplos e lições a serem seguidas para se efetivar uma educação emancipadora de qualidade, por sua simplicidade ao ensinar e pelo comprometimento com a educação.

Atenciosamente,

Marina Carmen Vergopolan¹³

¹³ Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/*Campus* União da Vitória

Curitiba, 20 de fevereiro de 2021.

Querido Paulo Freire,

Que honra poder lhe escrever, primeiro gostaria de me apresentar; me chamo Emily, tenho 26 anos, sou artista e estou no segundo ano da faculdade de licenciatura em teatro; escolhi arte pois também acredito na educação como meio de transformação social e ela é fundamental nesse processo.

Estamos vivendo um verdadeiro caos: social, mental e físico. Estamos cansados, com medo e sem certeza de nada, mas seguimos com esperança. Com a pandemia da COVID-19 muita coisa mudou; nossa visão de mundo mudou, nosso contato social e principalmente a educação.

Na faculdade tenho muita sorte em fazer parte do Pibid que tem como objetivo antecipar nossa experiência como educadores; por isso tive a grande oportunidade de ler sua obra; *Pedagogia do Oprimido*, e gostaria de fazer algumas análises que refleti durante a leitura.

Já no primeiro capítulo podemos fazer uma comparação com a nossa realidade: infelizmente, temos muitos opressores fazendo o oprimido necessitar do opressor. E quando a educação não é libertadora o sonho do oprimido é ser opressor, não é mesmo? Vemos isso acontecer o tempo todo nas redes sociais e inclusive na política, onde o senhor também sofre ofensas, mas tenho certeza de que quem o ofende nunca leu um livro seu.

Continuando a leitura, me fez lembrar de alguns momentos de quando eu estava no ensino médio. Alguns professores me marcaram positivamente e outros nem tanto. Posso dizer que grande parte da minha vida foi em uma educação bancária, e como estudante de uma licenciatura me faz ainda mais querer ser uma educadora diferente.

Gosto muito da sua frase no segundo capítulo do livro, onde o senhor diz que:

“ensinar a pensar e problematizar sobre sua realidade é a forma correta de se reproduzir conhecimento, pois é a partir daí que o educando terá capacidade de compreender-se como ser social. Uma vez conhecendo sua situação na sociedade, o educando jamais se curvará para a condição de oprimido, pois seu lema será a igualdade e por ela buscará”.

Acredito muito no professor como uma pessoa que dá a direção, mas que acolhe também as ideias, opiniões e troca com os alunos. Durante toda minha leitura pude perceber o quão atual é esta obra, infelizmente muitas escolas ainda não conseguiram implantar essa educação problematizadora e muitas vezes também o educador é apenas mais um oprimido.

Querido Paulo, seus ensinamentos são muito valiosos e gostaria de te agradecer por agregar tanto na educação e deixar um legado tão lindo, espero ser uma educadora que te dê orgulho. Meu desejo é que o sistema educacional se transforme e seja cada vez mais revolucionário.

Com carinho de sua admiradora,

Emily Navarro¹⁴

¹⁴ Pibid – Artes (Teatro) – Unespar/*Campus* Curitiba II

União da Vitória-PR, 10 de junho de 2021.

Estimado Mestre Paulo Freire,

Eu enquanto graduanda do 4º ano do curso de Pedagogia e aluna residente do Programa de Residência Pedagógica voltado para Alfabetização, o qual é vinculado a uma universidade pública, não poderia deixar de escrever para prestar minha homenagem ao seu centenário, o senhor que é considerado o pai da Pedagogia e também uma pessoa muito reconhecida por sempre lutar pela superação da opressão e das desigualdades sociais, sempre valorizando a construção do conhecimento com base no respeito, na conquista da autonomia, no diálogo e principalmente no desenvolvimento do pensamento crítico do ser humano para torná-lo um sujeito emancipado.

Um dia desses fazendo a leitura de uma de suas excelentes obras, “Pedagogia do Oprimido”, esta me remeteu a uma reflexão provocadora, a qual me fez pensar que mesmo se passando muitos anos desde sua publicação, a nossa sociedade e o sistema educacional brasileiro se encontram exatamente como escrito em sua obra, onde os opressores ainda insistem em subestimar a capacidade e a dignidade dos oprimidos. Tantas lutas vencidas

pelos movimentos sociais em busca dos direitos à democracia e igualdade social para todos estão retrocedendo com a atual gestão que governa o nosso país.

No que tange a área educacional, ainda vivemos uma educação pensada somente para uma sociedade elitizada, onde prevalece o discurso de meritocracia e individualismo, ou seja, cada indivíduo só consegue realizar algo e obter recompensas por meio de seu esforço individual. É notável que esse conceito de meritocracia, ainda nos dias de hoje, permanece principalmente nos meios educacionais, no qual ainda se encontra muito forte a desigualdade de classes, onde o magistério é muito desvalorizado, sendo o professor o único responsável pelo sucesso e o fracasso da educação, isentando as esferas políticas e econômicas de suas responsabilidades.

Com o atual cenário pandêmico que estamos vivenciando nos dias atuais, a classe docente precisou se reinventar com o uso de novas tecnologias para poder atender todos os alunos no processo ensino-aprendizagem. E mesmo assim há aqueles que os criticam, mas não percebem que a classe aumentou sua jornada de trabalho, adaptou um cômodo de sua casa para ser a sua sala de aula. E muitas vezes também precisa encontrar um horário compatível ao dos pais que trabalham para dar retorno

das atividades de seus alunos, com isso o professor passou a ser professor 24h por dia.

Sem contar que muitas vezes as aulas precisam ser adaptadas para aqueles alunos que não dispõem de equipamentos eletrônicos e acesso à internet sendo necessário utilizar-se de outros recursos para que aquela criança tenha acesso ao mesmo conteúdo da turma, pois segundo consta na Constituição Federal, a educação é direito de todos. Com isso, nota-se fortemente o descaso por parte dos governantes com o trabalho docente e também o aumento na desigualdade social, onde nem todos têm as mesmas oportunidades e condições. E muitas vezes o professor acaba sendo também um oprimido do sistema educacional devido às más condições de trabalho que lhe são oferecidas.

Percebe-se que o sistema educacional se estrutura como uma espécie de pirâmide hierárquica onde a partir da elite prevalece a lei do mais forte, no caso a sociedade capitalista, onde a educação não é tratada como prioridade, mas sim como mercadoria.

Caro mestre, sinto lhe dizer que em nossas escolas ainda não foi possível implantar o conceito de uma educação problematizadora, onde professor e a escola enquanto

responsáveis pela transformação social do ser humano, ainda vivem sobre o dilema entre ensinar o que pensa ou cumprir o currículo engessado que lhe é imposto os quais já vem estruturado das instâncias maiores. Com base neste viés, observa-se que o professor pesquisa para preparar uma aula que muitas vezes os alunos nem param para ouvir porque o conteúdo que o professor precisa cumprir não condiz com a realidade que os mesmos vivem.

Para que a escola forme um sujeito crítico-reflexivo é importante que sejam trabalhados conteúdos que levem em conta a realidade social e cultural trazida por ele para a sala de aula, pois é a partir dessa reflexão do cotidiano e dos elementos que compõem a sua realidade, que será possível promover uma educação libertadora, e isso só é possível como o senhor dizia por meio diálogo .

Penso que é extremamente danoso uma sociedade sem diálogo e sem troca de experiência, onde o “eu” é o saber soberano da verdade absoluta, e o “outro” não pode interferir nos seus conceitos. Quando não há diálogo a sociedade fica vulnerável aos opressores que induzem as pessoas menos instruídas e fragilizadas, e para nos libertarmos das garras de

nossos opressores precisamos encontrar no diálogo a nossa arma de defesa.

A maioria das pessoas são coagidas a ficarem silenciadas não podendo expressar a sua opinião e isso faz com que elas se tornem pessoas submissas aos detentores do poder da sociedade. Sendo o diálogo a base da comunicação, é somente por meio dele que conhecemos o outro e suas fragilidades. Pois como o senhor ressalta em sua obra só a palavra é a chave para a libertação do oprimido, e eu enquanto futura educadora pretendo desenvolver meu trabalho por meio do diálogo com meus futuros alunos valorizando suas ideias e posicionamento a respeito dos temas em debate só assim iremos ter uma sociedade mais crítica, pois acredito que assim será possível contribuir para transformação da nossa sociedade e construir um futuro melhor para as futuras gerações.

Um carinhoso abraço!

Andréia Patrícia Bueno¹⁵

¹⁵ Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/*Campus* União da Vitória

Pinhais – PR, 15 de julho de 2021

Saudações Paulo Freire,

Eu me chamo Gabrieli, tenho 20 anos e estou cursando o 3º ano de licenciatura em música. Tenho participado do Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência - Pibid, que tem me proporcionado experiências inesquecíveis com aulas remotas, crescimento e conhecimento. E o objetivo do programa é exatamente esse, propiciar a discentes de cursos de licenciatura uma vivência prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica.

Gostaria de te contar que acabei de finalizar a leitura de seu livro “A pedagogia do Oprimido”. E sem delongas já lhe agradeço pelo seu grande legado deixado a nós, pela sua visão de mundo tão libertadora e transformadora, por suas grandes obras, por se tornar uma referência.

Quanto ao seu livro, ele foi um grande divisor de águas, me alinhou alguns pensamentos e também me trouxe outros questionamentos. Tenho meus pequenos pontos de discordância, porém em seu conteúdo geral eu abraço a causa. Uma coisa posso afirmar: aprendi muito sobre educação e sociedade com o senhor! Uma visão de amor, de união, de igualdade e esperança.

O poder da palavra e do diálogo foi algo que eu nunca havia, até então, parado para analisar o quanto são importantes. Uma sociedade homogênea, igualitária, justa, de possibilidades e oportunidades foi algo que eu entendi que pode ser alcançada através do poder da palavra, do diálogo e do alinhamento de

visão. Agora apoio ainda mais o entendimento que ficará mais consistente com sua visão, de que a libertação da opressão não é uma guerra, mas, uma ação social conjunta.

E o que me deslumbrou sendo um dos pontos que me fez te admirar, foi a defesa de que o processo de liberdade não é apenas para os oprimidos, mas também para os opressores. Ao invés de criar uma rivalidade entre ambos ainda maior, colocando um acima do outro, como é feito nos dias de hoje, você defende a tese de que deve haver igualdade e liberdade para todos. Plausível!

Com isso, despeço-me, te agradeço pelo enriquecedor livro e de todo coração declaro que farei o possível para contribuir nesse mundo para com a transformação de uma sociedade justa!

Gabrieli Taques¹⁶

¹⁶ Pibid -Artes (Música) – Unespar/*Campus* Curitiba II

Campo Mourão, 10 de julho de 2021.

Meu caro amigo e mestre,

Te escrevo essa carta poesificada, pois a coisa assim falada
é mais simples de explicar

De um modo ou de outro, precisava te contar

Que com tantos problemas, nos cabe escrever, reivindicar
e esperar.

Que do debate e da leitura novas ideias surgem para
somar e transformar

Me perdoe se não faço uma visita, a aula virtual não facilita

Em papel, não em fita, te mando só essas notícias: A situação tá
feia!

Tem mutreta, roubo, corrupção. E prevaricação na pandemia, pra
piorar a situação

Quem sobrevive, vive bravo, para redigir carta e brigar pela
revolução.

Como diria Chico, lá em 76, foi preciso esperar para falar
com vocês

E nesse pouco espaço, tanta coisa pra contar, mas, pelo
menos por enquanto

não tem militar pra averiguar. Em forma de poema ou
música, geralmente deixam passar

(Esse pessoal não sabe bem interpretar)

Meu caro amigo, quem dera eu pudesse provocar e atizar suas saudades

Infelizmente, nada bom a relatar, e o povo só passa dificuldades: As piruetas pra valer o ganha-pão, muita careta pra engolir a enganação,

O desemprego cresce como a inflação, e ninguém – ninguém – segura esse rojão!

Aqui na terra estão jogando futebol,
Com morte, falta teste, tem escândalo de assédio e o presidente autorizou a Conmebol
O Brasil levou um gol, perdeu a taça,
Mas o que faltou mesmo foi graça e um pouco mais de empatia
(Até o papa acha que aqui ninguém resolve problema ou liga pra vida,
só se toma cachaça)

O samba parou, mas diz que em breve vai voltar
Mas os bares estão lotados, todo mundo quer só aglomerar
Morre a empregada que só precisava trabalhar, e o busão lotado continua a transitar
Não morre a madame que vive a explorar nem o empresário que continua a escravizar
Fecha logo o caixão, não dá tempo de chorar

Aqui na terra tão jogando futebol, os reacionários brigando por rock'n'roll

Negro morrendo por portar um pinho sol
E a polícia que só nos decepcionou.

De bom, só o sol
Que de vez em quando se ofusca com as queimadas
porque floresta boa é pasto pra boiada – boiada inclusive
que aprendeu a votar!
Que decepção!

A caminhada não ajuda o coração, e o covid causa mal no seu
pulmão
Hospital lotado, SUS colapsado, vacina superfaturada e falta
agulha de injeção
A escola é em casa e quem perde é a Educação.
Reacionário, pouco revolucionário, incentivo ao sistema bancário.
E eu aflito pra te fazer voltar e entender o que se passa.

Nesta carta, pra mandar lembranças
Peço para que olhe por nossas crianças
E continue nos ensinando que, ao esperar
Vamos além das nossas esperanças.

Queria ter notícias melhores pra contar.

Carolina Casarin Paes¹⁷

¹⁷ **Residência Pedagógica - Língua Portuguesa – Unespar/ *Campus* Campo Mourão**

Paranaguá, 14 de junho de 2021

Querido mestre Paulo Freire,

Preciso lhe dizer que emoção me tomou ao iniciar essa carta, sei que escrevo para a pessoa mais importante da educação brasileira.

Sou estudante de pedagogia, e sou grata por ter me proporcionado conhecimentos significativos por meio de leituras de seus livros Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Autonomia, sei que refletirão durante a minha atuação enquanto educadora, contribuindo para uma educação libertadora.

Bem, mestre, escrevi essa carta para lhe contar o que está acontecendo com nosso país, ele atravessa um momento que jamais imaginaríamos atravessar, com o surgimento da Covid 19, estamos vivenciando uma pandemia mundial, e conseqüentemente, o crescimento da desigualdade social, do desemprego, são diversos problemas que surgiram, entre todos, a educação brasileira foi uma das mais prejudicadas, principalmente porque desafios foram impostos para que as aulas não fossem paralisadas, exigindo assim habilidades tecnológicas dos educadores, em decorrência da necessidade de um distanciamento entre o educador e o educando, aulas precisaram ser realizadas por meio de plataformas e aplicativos.

Nesse contexto, fico imaginando qual seria sua contribuição? Qual seria sua posição, diante de tantas

dificuldades e desafios a serem enfrentados? Essas curiosidades surgiram após as leituras que realizei de suas obras.

Tenho consciência que não terei sua resposta, contudo, sei que se aqui estivesse traria grandes contribuições, visto que todo o seu legado provocou grandes transformações para educação brasileira.

Atenciosamente,

Noemi Roman¹⁸

¹⁸ Residência Pedagógica - Pedagogia – Unespar/*Campus* Paranaguá

União da Vitória, 05 de julho de 2021.

*Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem
ela tampouco a sociedade muda.*

Paulo Freire.

Ao memorável e célebre professor, Paulo Freire,

É com muita satisfação e alegria que venho, por meio destas singelas palavras, agradecer ao senhor, por nos deixar uma bagagem de saberes e conhecimentos pedagógicos, que possuem um poder de nortear a construção de um novo mundo, aquele mundo tão sonhado pelo senhor e por nós educadores.

Os tempos continuam sombrios, parece que do exílio até aqui, pouca coisa mudou, além do que, estamos enfrentando uma pandemia causada por um vírus que está assolando o mundo inteiro e principalmente o Brasil que vive às margens, padecendo sob o devaneio de tolos no poder.

Mas como mencionei acima, minha carta é de reconhecimento e não de indignação, apesar de toda angústia, escrevo com o sentimento de esperança em dias melhores, de uma sociedade justa e solidária, em que não haja opressão, violência, miséria e fome; que todas as crianças tenham acesso à educação e às condições básicas que uma vida digna requer; que todas as famílias tenham uma moradia com saneamento básico; que as mulheres possam andar na rua à noite sem medo; que os negros não virem mais estatísticas em um país genocida.

Eu sei que essa transformação é um trabalho de “formiguinha”, mas precisamos acreditar naquilo que fazemos, nadar contra a correnteza e assumir esse compromisso com muita fé e responsabilidade.

É, meu grande Mestre, suas contribuições para um novo mundo incomodam muita gente, já pensou se o senhor estivesse aqui neste momento?! Eu iria ser muito grata e iria conversar por longas e ininterruptas horas sobre educação popular e libertadora, pois são temas que me inspiram, e professor bom é professor que luta!

Hoje eu consigo interpretar o mundo e entender melhor como as coisas funcionam. Nessa epifania existencial, eu me descubro pequena e frágil perante a uma estrutura complexa, mas meu escudo diante dessa realidade é a educação, a mesma que me mostrou a escuridão foi também a que me deu à luz.

Por fim, me despeço nessa carta, restaurando minha fé na humanidade, fé que o senhor me proporcionou com seus admiráveis ensinamentos.

Com carinho, de sua educanda,

Flávia Cristina dos Santos¹⁹

¹⁹ Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/*Campus* União da Vitória

Curitiba, 13 de julho de 2021.

Caro Paulo Freire,

Me chamo Laura, tenho 22 anos e estou no 2º ano de Licenciatura em Teatro. Como outros colegas de minha classe tivemos a oportunidade de participar do Pibid. Graças aos nossos encontros virtuais, passamos a estudar mais sobre você e seus ensinamentos. Em janeiro, com supervisão do Robson Rosseto, fomos orientados a ler seu livro “A Pedagogia do Oprimido”, a partir do qual tive diversas reflexões após a leitura e também algumas dúvidas que irei te apresentar nos próximos parágrafos desta carta.

Embora muito tenha mudado para melhor desde a sua partida, nos últimos tempos tem sido desafiador para todo mundo, estamos em uma Pandemia. Acredito que nem o senhor viveu isso, a última Pandemia foi da “Gripe Espanhola” em 1919 (que a gente sabe que não teve nada de Espanhola nesta gripe) e o senhor nasceu em 1921, desse desafio o senhor se livrou, mas

logicamente passou por tantos outros eventos importantes e marcantes no mundo e na sua trajetória.

Eu estou sentindo na pele um deles, acredito que essa experiência de isolamento durante a pandemia me fez perceber muito o caráter de algumas pessoas, a falta de empatia e até mesmo a opressão e irresponsabilidade de alguns durante um momento tão delicado onde deveria se ter mais compreensão com o próximo (certamente eles não leram nenhum de seus livros).

Além da Pandemia estamos com um atual desgoverno que me dá medo todos os dias, que tem pensamento genocida e desmerece todo o sentimento de mais de 540 mil famílias que sofreram perdas durante a pandemia que ainda não acabou. O inominável presidente se refere a Covid-19 como uma “gripezinha”, não se solidariza e nem se importa com os prejudicados nesse momento, quer que os oprimidos desapareçam para então não existirem mais oprimidos no mundo, claramente um pensamento genocida do nosso atual presidente que encheu a sua bancada de amigos militares, outro ponto que me assusta muito.

Você escreveu esse livro durante uma ditadura militar exilado no Chile, onde resistiu e continuou existindo, o senhor

realmente é uma inspiração, abro aqui um espaço para agradecer por todo o conhecimento que tem me agregado desde que comecei a estudar sobre você. Ah! Aprendi muitas palavras novas, inclusive o que sempre é positivo, mas eu tenho algumas considerações a fazer sobre isso.

Sei que esse livro em especial não é para o povo, seu público alvo foram os professores e pessoas de ensino superior e com acesso a essas informações, dessa forma se subentende que todos devem entender todas essas palavras rebuscadas que encontramos no livro “A Pedagogia do Oprimido”, acredito ser muito importante para minha profissão saber o significado dessas palavras porém sinto que pessoas que “falam difícil” no dia a dia usam isso para provar sua inteligência ou conhecimento. Intimidando, humilhando e excluindo o outro para se exaltar, um ato puramente egóico que impossibilita o acesso de muitos que não tem esse privilégio do conhecimento.

Tenho como um desafio para o ensino como futura professora e estudante é sempre encontrar sinônimos mais populares para que todos consigam compreender minhas futuras publicações e ensinamentos passados de uma forma simples. Facilitar a comunicação que atualmente, apesar da internet, temos tantas falhas nos diálogos.

Gostaria que todas as pessoas me compreendessem, tanto os mais estudados quanto os que têm pouca possibilidade de acesso ao estudo. Aqui gostaria de parafrasear o historiador e professor brasileiro Leandro Karnal *“Cabe ao professor, especialmente ao educador, tirar os obstáculos entre a pessoa e o conhecimento”* entendo essa frase como facilitar o acesso à informação deixando de uma certa maneira informal, que todos consigam entender. Essa é uma das reflexões que seu livro me passou. Para quem estamos falando? Com quem estamos falando? Estamos sendo compreendidos ou oprimindo e privando um conhecimento dos leigos? Dessa forma não seria uma pedagogia da classe dominante?

No primeiro capítulo um dos temas abordados é sobre a questão da consciência oprimida e da consciência opressora. A pedagogia do oprimido se caracteriza pela pedagogia dos homens que lutam permanentemente pela sua libertação, pelo que precisa ser feito. O povo através das reflexões sobre a opressão e suas consequências gera uma ‘ação transformadora’ onde o indivíduo luta por sua prática libertadora como resultado da sua conscientização. O senhor também comenta sobre os educadores terem uma tarefa de desmistificar a realidade e criticá-la para conhecê-la, você acredita que a reflexão que fiz no parágrafo

anterior é uma forma de me descobrir como “Refazedora Permanente”?

Já no segundo capítulo do livro não consegui compreender sobre a concepção bancária da educação como instrumento da opressão. Onde a educação é um ato de depositar, transmitir valores e conhecimentos e enquanto aos educandos é a de receber os depósitos, arquivá-los e repetir, dessa forma os educandos seriam agentes transformadores se só repetir? O ideal não seria criar pensamentos críticos para que eles saiam da inocência?

No capítulo três, fala sobre a teoria da Dialogicidade na essência da educação como prática da liberdade. Me identifiquei muito quando o senhor diz “O diálogo faz-se numa relação horizontal baseada na confiança entre os sujeitos e na esperança transformada na concretização de uma procura eterna fundamentada no pensamento crítico.” Dessa forma conhecendo as condições estruturais e atuais do Brasil, em que o pensar e a linguagem do povo se constitui?

No capítulo quatro, começa por reafirmar que os homens são seres da práxis e que emergem do mundo experimentando-o, podendo conhecê-lo e transformá-lo com o seu trabalho e também é comentando sobre a teoria da ação antidialógica que é

centrada na necessidade de conquista e na ação dos dominadores, os quais preferem dividir para manter a opressão e deixar que a invasão cultural junto com a manipulação, desqualificam a nossa identidade, palavras do senhor. Sendo assim neste capítulo minha dúvida é: De que maneira a ação dialógica pode manipular e desqualificar a nossa identidade?

Muito grata por ler até aqui, espero poder compreender cada vez mais seus ensinamentos.

Obrigada por ser uma grande inspiração para todos nós!

Laura Fontes²⁰

²⁰ Pibid – Artes (Teatro) – Unespar/ *Campus* Curitiba II

Curitiba, 01 de junho de 2021.

Olá!? como vai!? Tudo bem?

Eu, Célia Carneiro, sou estudante de Licenciatura em Música pela Fap - Unespar, *Campus II - Curitiba/ Pr*, e faço parte do Pibid. Li a sua obra: *Pedagogia do Oprimido* e também participei dos círculos do debate sobre o livro. Antes de mais nada, gostaria de parabenizar pela extraordinária obra, onde durante todo o processo de leitura pude aprender e refletir com cada palavra sobre a estrutura das elites dominantes e como ela controla as outras classes sociais em nosso País, e o desafio de resolver a questão entre "opressor e oprimido" e os diversos problemas existentes na educação brasileira.

Ao concluir a leitura do livro, coloquei algumas perguntas que gostaria muito que pudesse respondê-las:

1. O método de implantação da *Pedagogia do Oprimido* como é descrito no livro, "é um processo áspero, longo, complexo de esforço e superação dialética e conscientização crítica do momento vivido para a

transformação do ser humano", mas o processo de colaboração é difícil, devido a escravização do povo pela colonização dos invasores que aqui chegaram. Falta-nos até mesmo a consciência de que somos uma classe, ainda somos muito desorganizados enquanto força política. Como chegar a "começar a fazer" esses círculos de aprendizagem, como abordar, sem parecer "depósitos de ideias", descrito no livro, com esse método?

2. Como construir esse método de diálogo proposto no livro Pedagogia do Oprimido, se o próprio educador foi "criado" nesta realidade opressora? Como fazer essa nova mudança de mentalidade, se o conteúdo é "enchido" pelo educador como se fossem depósitos colocados, essa "concepção bancária de educar", descrita no livro?
3. É certo que a classe dominante não nos dará a liberdade sem usar a sua força, seu poder. É possível acontecer uma guerra futuramente em nosso País, para que ocorra uma transformação dessa situação de opressão, uma vez que perdura desde a colonização violenta que se instalou no

Brasil? E como construir esse diálogo transformador se o próprio educador também se sente oprimido?

4. Como vencer essa "luta", se temos essa ambiguidade: "opressor e oprimido", introjetada pela classe dominante ao longo dos séculos até mesmo dentro das organizações revolucionárias, descrita no livro, e como diz Paulo Freire: "é preciso começar cedo esse diálogo para vencer esta situação antidialógica", que se instalou no País. Mas como isso será possível se ainda nem nos reconhecemos como seres políticos?

Um abraço,

Célia Carneiro²¹

²¹ Pibid – Artes (Música) – Unespar/ *Campus Curitiba II*

Campo Mourão-PR, 16 de julho de 2021.

Ao querido e estimado Paulo Freire,

É com enorme satisfação que te escrevo, mas também com o coração partido. Eu explico. Neste ano de 2021 estamos vivenciando o segundo ano de pandemia, devido à COVID-19 (doença provocada pelo *Coronavírus*). Já são mais de meio milhão de mortes no Brasil. Houve atraso além de indícios de corrupção e intenção de superfaturamento na compra das vacinas que trariam, possivelmente, um pouco de conforto para todos os brasileiros.

É incrível e muito triste saber que o governo brasileiro trata com total desrespeito a saúde e a vida dos cidadãos. O atual presidente (Jair Bolsonaro) teve a ousadia de afirmar no ano passado, nos primeiros meses da pandemia, que essa fatal doença (COVID-19) atingiria muitas pessoas, mas se tratava apenas de uma “gripezinha” ou “resfriadinho”, que não havia motivo para se preocupar, que “a economia não podia parar”, “os comércios deveriam continuar atendendo normalmente” etc. Com isso, o presidente agia contrariando todas as orientações do Ministério da Saúde que fazia duras recomendações quanto ao

distanciamento social, isolamento domiciliar, uso de máscara que vedasse o nariz e a boca, para citar algumas das medidas que poderiam evitar um colapso no sistema de saúde, já que o contágio pelo vírus estava ocorrendo de modo muito acelerado.

Nesse sentido, vejo que a opressão (teorizada pelo senhor na belíssima obra *Pedagogia do Oprimido*) ainda é bem presente, sobretudo na sociedade brasileira. É doloroso presenciar a pessoa responsável por um país agir de modo tão antipático com relação aos seus cidadãos, ao povo que, infelizmente, não teve discernimento e acabou elegendo-o como presidente. Portanto, deixo aqui expressa a minha forte tristeza com relação a essa realidade, porém, também me encho de alegria pela razão de pessoas como o senhor terem existido nas terras onde vivo e juntamente contigo a sua obra. Esta de muito aprendizado para qualquer ser humano. A sua obra, Paulo Freire, representa a esperança de um mundo melhor, de um mundo justo onde a consciência de classe e a autonomia se façam presentes e com elas a certeza de que é possível uma realidade em que todos possam viver como seres humanos, humanizados e autônomos, que a opressão seja extinta do mundo e que as prisões cedam lugar para a educação, pois uma sociedade educada é uma sociedade livre.

Por ora, deixo meu sincero carinho e gratidão por tê-lo conhecido via *Pedagogia do Oprimido*, através do Programa Residência Pedagógica (Língua Portuguesa) da Unespar, do qual sou participante desde abril do presente ano.

Forte abraço!

Tatiane Carraro²²

²² Residência Pedagógica – Língua Portuguesa – Unespar/*Campus Campo Mourão*

Paranaguá (PR), 13 de junho de 2021.

Caro mestre Paulo, saudações!

Como é bom poder ter a chance de me comunicar com o senhor. Primeiramente, gostaria de agradecê-lo por todos os ensinamentos e contribuições que deixou para a educação, não só nacional, mas também internacional.

Suas sábias palavras e conceitos foram de grande ajuda para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem. Você continua sendo uma grande inspiração ao redor do planeta. Creio que ficaria feliz ao saber que suas pautas abriram o caminho do direito e da liberdade para milhares de pessoas. Pessoas que, muitas vezes, sentiam-se oprimidas pelas classes mais abastadas.

Sua luta pela ampliação da consciência social e pela autonomia, tendo como base a alfabetização, ainda é válida em nossos dias. Infelizmente, o número de analfabetismo em nosso país ainda é grande, e a nossa educação tem passado por momentos assombrosos nestes últimos anos, devido aos tempos difíceis que temos vivido. Porém, sei que é algo passageiro e que logo veremos a luz do sol novamente.

Me despeço aqui, mas não antes de dizer ao senhor que nunca deixaremos o seu legado para trás. Continuaremos lutando e resistindo, assim como você fez. Pois acredito que a luta, se feita com amor, respeito e honra, nos leva à lugares altos.

Com carinho e admiração,

Giovana Nascimento²³

²³ Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/ *Campus* Paranaguá

União da Vitória, 15 de julho de 2021.

Querido Paulo Freire,

Quanta alegria ao saber que posso comunicar-me com o senhor, por meio desta carta, algo que pouco se utiliza nos dias de hoje, mas que muita falta faz, não é mesmo?! Bem, tenho muito a lhe falar, mas nem sei por onde começar, pois que bagunça está esse mundo, essa sociedade. Vejo algo que o senhor preza muito em suas escritas, como diálogo, liberdade de expressão, educação reflexiva e muito mais sendo fragilizado por conta desta pandemia, em que precisamos nos oprimir, nos calar e nos mantermos isolados com medo.

Mas veja só, o pior disso tudo são os impactos negativos que vem causando na educação. Esta pandemia que não acaba mais vem deixando grandes lacunas na educação brasileira e aprendizagem dos nossos alunos, fazendo com que estes também se tornem pessoas oprimidas, sem voz, seres sem reflexão crítica. Meu Deus, onde isso vai parar? Quando isso vai acabar?

Freire, são tantos anseios por conta das destruições que essa pandemia vem nos causando, que só vejo o momento de acabar. Queria a resposta de quando isso vai passar, na verdade não só eu, mas todo mundo quer esta resposta, principalmente quando temos governantes ignorantes, hipócritas e um militarismo que não preza pela vida da população.

Enfim, Freire, vamos falar de algo bom, não é mesmo?? Algo muito bom para mim, são suas escritas, suas obras, seus

legados que nos deixou, pensando na igualdade, liberdade de expressão e de opinião. Como defende o diálogo também me encanta, por sinal, gosto muito do livro *Pedagogia do Oprimido*. Este livro é meu favorito e me faz refletir muito sobre como vou ser uma futura docente, priorizando meus alunos, sua aprendizagem, a qualidade da educação e jamais deixando a escola ter apenas uma educação bancária como ocorre atualmente, sem alunos oprimidos, mas sim, críticos, reflexivos e que buscam um mundo melhor.

Freire, quero lhe agradecer por tanto conteúdo incrível e livros extraordinários que nos deixou, com um cunho voltado para a educação, mas que deve ser trabalhado em todas as áreas, a fim de se pensar em um mundo melhor, visto que esse se inicia pela educação.

Espero que esteja bem. Com todo meu carinho,

Adrielen Larissa Zamboni Correia²⁴

²⁴ Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/ *Campus* União da Vitória

Paranavaí, 09 de julho de 2021.

Querido Paulo Freire,

É um prazer enorme em estar te escrevendo, começo agradecendo pelas inúmeras reflexões e sua busca constante pela transformação do sujeito, a busca pela liberdade, justiça e luta pela inovação, isto fica evidente em seu livro A Pedagogia do Oprimido. O senhor destaca a todo momento a relação entre o opressor e o oprimido, mas o que pretendo expor aqui é a respeito do segundo capítulo "A concepção bancária da educação como instrumento da opressão", seus pressupostos, sua crítica.

Pude participar de um debate que teve como pauta o segundo capítulo de seu livro conforme citado acima. Ao me preparar para o debate, pude sentir e ter uma experiência em cada escrita sua, imaginar cada situação citada, pois me fez refletir sobre os dias atuais e o que estamos vivenciando nas escolas. Discutimos o conceito de concepção bancária da educação, como era visto por você. Eu e mais duas colegas começamos a responder o que o senhor pensava sobre e o que eu achei incrível era o quanto a minha resposta com a de minhas colegas iam se complementando e se encaixando.

As nossas respostas não foram baseadas somente no que escreveu, fomos além! Nós trouxemos para a realidade que o nós vivenciamos, pois é ainda tão atual e alguns dos exemplos dados foram que não é somente os alunos que vivem na forma de oprimidos como cita em seu livro, mas os professores também por se limitarem a documentos.

Uma parte que me marcou muito foi quando entramos em um debate dizendo que os acadêmicos saem da universidade com uma sede enorme de criatividade e transformação, assim como o senhor expressa em seu livro, teria orgulho de alguns acadêmicos. Mas ao ir para a escola encontra outra realidade onde professores mais antigos te desmotivam e a cada dia que passa o acadêmico que chegou cheio de vida e transformação dentro de si se torna apenas mais um.

Meu pensamento sobre isso é: não é a falta de material que desmotiva o professor de Educação Física recém-formado (descobriu minha graduação), pois para isso utilizamos a criatividade, mas sim nossos colegas de trabalho, não são todos, mas é mais fácil julgar o transformador de louco, do que aprender com ele.

Que alegria seria se os mais novos ouvissem as experiências dos mais velhos, pois trilhariam um caminho onde

nós mais novos não iremos passar e os mais velhos parassem para aprender com os mais novos porque estamos saindo com um gás que provavelmente eles esqueceram, seria muito bom para a educação dos nossos alunos essa troca. Isso é o que o senhor chama a atenção em seu segundo capítulo, para que o homem não fique alienado dos outros em suas decisões, mas sim que os incentive a luta para emancipação do mundo.

Por fim Paulo Freire, encerro esta carta como comecei agradecendo. Esses 6 meses estudando suas obras, vendo sua visão transformadora e suas lutas, me fez crer que mudamos muita coisa por aqui, posso te falar que algumas vitórias já foram alcançadas.

Obrigado por me fazer lembrar mais uma vez de minha vocação, a sua maneira de pensar é combustível para uma educação melhor.

Obrigada por seus ensinamentos.

Amanda da Silva Braga²⁵

²⁵ Residência Pedagógica – Educação Física – Unespar/ *Campus* Paranavaí

Paranavaí, 04 de julho de 2021.

Caro Mestre Paulo Freire,

Venho por meio desta carta expressar minha admiração e reconhecimento pela sua saudosa atuação na Educação, destacando-se de maneira expressiva! Já se passaram vinte e quatro anos que o perdemos, perda essa tão sentida por todos os felizardos que tiveram a oportunidade de conhecer suas obras e de compreendê-las. Gostaria de frisar que suas obras e seus pensamentos estão presentes nos dias de hoje, me arrisco até mesmo a dizer cada vez mais presentes.

Sou acadêmica do curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade Estadual do Paraná e atualmente sou bolsista do Programa de Residência Pedagógica. Este programa me possibilitou desbravar e conhecer melhor sua carreira e obra, através da II Jornada de Formação Docente do Pibid e RP/Unespar intitulada “Paulo Freire, ainda hoje!” No decorrer desta jornada, foram realizadas rodas de conversas referentes ao seu livro “Pedagogia do Oprimido”, experiência essa que não há palavras que possam expressar o quão rico e memorável foi para a nossa formação acadêmica, tendo em vista, que dialogamos com residentes de outros cursos de licenciatura inclusive de outros *campi* da universidade. Neste evento cada um pôde agregar conhecimentos diversos e visões mais amplas da sua obra, sendo assim, ao término do círculo de conversa, era notório o quão maravilhada eu estava!

Tenho certeza que o Senhor iria se sentir feliz ao nos ver tão empenhados e tão entusiasmados em discutir suas obras, relacionando seus argumentos e suas ideias com as nossas próprias vivências dentro de sala de aula nas escolas públicas. Estamos esperançosos e com determinação para fazermos mudanças em nossa futura atuação como futuros professores. Profissão esta que tem todo o meu amor, pois só em pensar que posso fazer parte da construção de uma educação emancipatória, da formação integral do aluno e sua atuação cidadã crítica e com autonomia, nossa, meu coração se preenche de alegria! Pois não queremos depositar o conteúdo em nossos alunos e fim. Não! Queremos torná-los parte deste processo, atuante e ativo no desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

Finalizo dizendo que ainda tenho muito a aprender, e como anseio por isso. A leitura da Pedagogia do Oprimido foi o ponto de partida para minha busca por honrá-lo em minha futura profissão, e com brandura, deixo aqui sua frase para concluir minha carta: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Com gratidão

Lohayne Ruiz Lima²⁶

²⁶ Residência Pedagógica – Educação Física – Unespar/ *Campus* Paranavaí

Apucarana, 8 de julho de 2021.

Caro Mestre Paulo Freire

Recentemente li e participei de algumas palestras a respeito do seu livro *Pedagogia do Oprimido* e percebi que mesmo com o passar dos anos as ideias desenvolvidas nele ainda se mantêm atuais.

Embora tenha ocorrido grandes avanços, noto que a relação entre oprimidos e opressores ainda existe. A mudança está ocorrendo aos poucos com a conscientização sobre as contradições existentes, e de fato, é de fundamental importância o papel da educação para que os oprimidos possam se libertar.

De modo geral, tenho uma visão otimista em relação a como o processo de ensino e aprendizagem vem se desenvolvendo ao longo dos anos e parte deste desenvolvimento deve-se às ideias presentes em sua obra. Além disso, pude perceber o quão importante é o diálogo nesse processo.

Assim, venho por meio desta carta agradecer por todas as suas contribuições para a educação, por ter sido e ainda ser tão inspirador.

Com atenção,

Lucas Freitas Cordeiro²⁷

²⁷ Residência Pedagógica – Matemática – Unespar/ *Campus* Apucarana

Apucarana, 05 de julho de 2021

Olá, querido Paulo Freire,

Me chamo Pedro Lucca, tenho 18 anos, moro no estado do Paraná e estou me graduando do curso de Letras – Inglês. Recentemente li sua obra, “Pedagogia do Oprimido”, me encontrei encantado com suas reflexões e levemente atônito com o quanto as questões que abordou soam verdadeiras para mim. Venho por meio desta expressar minha admiração e comemoração pelo seu centenário, como também te contar como as coisas andam por aqui.

Já se fazem 24 anos desde que o senhor nos deixou, porém suas obras impactaram e continuam reverberando no contexto educacional atual. Não é à toa que mesmo tendo se passado 53 anos de sua criação, estamos lendo “Pedagogia do Oprimido”, conhecendo e debatendo suas ideias propostas. Esse livro é considerado uns dos mais aclamados pela comunidade docente, pois o mesmo aborda reflexões intensas sobre os seres humanos, empecilhos, opressões e formas de libertação tanto do oprimido quanto do opressor, se aplicando não só no contexto social, mas também no educacional. Sua obra e métodos também atuam colaborativamente no processo de alfabetização, juntamente com sua criticidade.

Desde que o senhor partiu, algumas coisas se tornaram mais difíceis, outras não tiveram mudanças, enquanto outras estão evoluindo gradativamente. Mesmo com sua influência no âmbito educacional, a educação libertadora, a pedagogia do

oprimido e a ação de dar a palavra ao homem para a construção de sua própria existência, se tornaram práticas sem espaço, sem voz, invisibilizadas, e que infelizmente, mesmo com a luta diária dos professores, a implementação de um ensino humanizador e emancipador é algo coberto por nuvens cinzas e densas.

Grande parte das instituições de ensino adotaram uma função semelhante à de máquinas, as quais empurram conteúdos aos alunos, sem que haja o debate, o questionamento e a crítica vinda de diferentes contextos e vivências, ou seja, a desigualdade e a relação entre oprimido e opressor se intensifica, se introjeta dentro dos seres membros desde uma pequena sala de aula até aos membros da elite pertencentes a classes dominantes.

Nessa singela carta, queria ter trazido notícias melhores sobre o futuro da nação em que pertenceu e semeou a liberdade, porém, nos encontramos num momento pandêmico e frágil econômica, política e educacionalmente. Espero que algum dia, em outra oportunidade, eu possa enviar cartas relatando um contexto menos conturbado, e cheio da querida amorosidade que o senhor descreveu durante sua memorável jornada neste plano.

Até logo!

Pedro Lucca de Araujo Souza²⁸

²⁸ Residência Pedagógica – Língua Inglesa – Unespar/ *Campus Apucarana*

Paranaguá (PR), 14 de junho de 2021.

Olá querido Paulo Freire,

Primeiramente vou me apresentar, lhe contar como o conheço e expor minha admiração pelo seu trabalho. Por fim, vou expor a atual situação do Brasil.

Me chamo Mayvillis, tenho 25 anos, moro em Paranaguá (Paraná, Brasil), estou cursando o sétimo semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná e faço parte de um programa institucional chamado Residência Pedagógica.

Como o senhor pode notar, tenho um envolvimento com a área da educação, mais que isso, tenho amor pela educação, pela escola pública, sobretudo pelos alunos.

Como lhe conheço? Acredito que já dá para imaginar como. Sim, Paulo Freire, suas obras são estudadas nos cursos de graduação de professores das universidades públicas. Com isso, conheci mais a fundo seu brilhante trabalho, através deles, meus conhecimentos foram ampliados e minhas práticas educacionais refletidas.

O senhor me fez compreender melhor a importância do diálogo, o desenvolvimento de uma educação emancipatória, a

valorização do trabalho docente e a prática de um processo de alfabetização reflexivo.

Suas obras são de extrema importância, suas contribuições são necessárias para uma sociedade democrática e justa.

Diante de todo aprendizado que suas obras podem proporcionar, há uma contradição se comparada a atual situação do nosso país, vou lhe contar. Então, estamos no mês de junho do ano de 2021, vivendo uma pandemia a mais de um ano (causada pelo Coronavírus) e tendo que sobreviver a diversas crises e acima de tudo: a um caos político. Os brasileiros estão morrendo, o valor da vida humana é escasso, a empatia pelo próximo está em falta e o que temos em abundância? Irresponsabilidades!

Quanto à educação, anteriormente a pandemia o problema do analfabetismo ainda não tinha sido superado, agora com nossa atual situação, este deve ter sido agravado e muito, pois as escolas se encontram fechadas. Ensinar o aluno a refletir está muito complicado, ser professora está sendo difícil e desmotivador.

Vou me apoiar em seus textos para concluir esta carta e até mesmo para ter esperanças de um futuro melhor para o Brasil. Partindo da concepção da educação libertadora, a pandemia

escancarou as desigualdades sociais advindas do modelo capitalista, a classe trabalhadora é que está sendo mais prejudicada.

Portanto, trabalhar a educação política é fundamental para que o sujeito tenha consciência de seus direitos em sociedade, se liberte da opressão e procure viver num mundo mais digno e justo, então, talvez, possamos assim ter uma vida em sociedade melhor.

Enfim, me despeço angustiada. Entretanto, tenho fé que tudo vai melhorar, talvez esse tempo sombrio seja necessário para repensarmos a vida, tenho a certeza, que nada será igual daqui pra frente.

Obrigada por todo ensinamento de Paulo Freire, seus textos são riquíssimos.

Atenciosamente,

Mayvillis Cristine Pires da Conceição²⁹

²⁹ Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/*Campus* Paranaguá

Matinhos (PR), 11 de junho de 2021.

Querido Mestre Paulo Freire,

Eu me chamo Leticia Yuri Kodaira Costa e sou estudante de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná, na cidade de Paranaguá. Para iniciar, gostaria de dizer que embora não estejamos em planos iguais gostaria de parabenizá-lo pelos 100 anos, por aqui tenho acompanhado muitas homenagens em seu nome e tem sido uma honra ter a oportunidade de conhecer algumas de suas obras e sua esplêndida trajetória na educação.

Gostaria de trazer boas notícias para o senhor, mas infelizmente o mundo se encontra em uma pandemia causada pelo Novo Coronavírus, muitos óbitos foram causados por essa doença cruel. As escolas estão fechadas desde março de 2020 e agora mais do que nunca busco ter a fé e a esperança que o senhor dizia para termos, fé para que tudo isso acabe logo e esperança que toda a população seja vacinada. Sim Mestre, já há vacinas, mas por conta desse des(governo) genocida, anti-ciência e anti-educação demorou muito para que a população finalmente fosse vacinada.

Lamentavelmente, não posso te dizer que a educação se encontra como o senhor gostaria, em muito se avançou, mas também muitas coisas estão estagnadas. Em seu livro Pedagogia do Oprimido, o senhor fala sobre o diálogo sendo algo essencial na educação e na sociedade, pois é, necessitamos mais do que nunca de ações dialógicas. Necessitamos de pessoas críticas que estejam dispostas a abandonar seus pensamentos ingênuos em busca da sua libertação, pois era isso que o senhor falava e disseminava.

É Paulo, você pensou em escolas que fossem acolhedoras, que fossem lindas, pensou em escolas que fossem espaços de socialização e libertação, que trouxesse alegria tanto para os educandos quanto para os educados, a realidade é que nesse momento em que estamos o cenário não é esse e eu digo por experiência própria.

Percebo depois de anos que toda a minha escolarização foi voltada apenas e unicamente uma forma de me preparar para o mundo do trabalho e para o vestibular, não que isso seja uma coisa ruim, o problema é que nesse processo a escola deixa de ser um espaço acolhedor para ser um espaço de competitividade, que foca apenas no conteúdo e na transmissão de conhecimento e acaba não enxergando o aluno como o sujeito de seu próprio

conhecimento, que é capaz de dialogar, de fazer reflexões, de trazer conhecimento juntamente com os outros. Portanto, novos caminhos devem ser buscados e é por isso que estamos lutando, por caminhos que tenham o seu nome, seus pensamentos e seu legado como inspiração.

Mas por favor, não desanime Paulo, muitas pessoas estão lutando firmemente para que o seu nome seja lembrado, para que seus ensinamentos sejam disseminados, eu sei que o senhor não irá perder a esperança na gente. Deixa-me te contar uma coisa que acredito que o deixará mais contente. Quando entrei na Universidade, não tinha o menor conhecimento das suas obras, apenas sabia que o senhor era alguém importante, isso porque o colégio onde estudei tinha o seu nome, apenas por isso eu o conhecia. Mas a partir do momento que coloquei meus pés na sala de aula da Unespar, logo vieram professores falando sobre seus ensinamentos, houve aqueles que o criticaram e preferiram nem o citar. Mas houve aqueles que falaram e olha, falaram bem de mais. E foi esses professores que escolhi escutar, pois quis acreditar que valia muito mais a pena conhecê-lo (nem que fosse um pouco, visto que suas obras são inúmeras) do que passar minha vida na ignorância de não te conhecer. E tem sido

prazeroso ouvir, ler, pensar nas suas palavras tão vivas e atuais que ecoam pelos corredores das Universidades.

Querido, me despeço por aqui dizendo que estamos lutando para que o seu legado nunca seja esquecido e gostaria de agradecer por todo o amor que dedicou à educação, por todo o conhecimento que nos deixou, pelas lutas que passou, pelo trabalho lindo que realizou. Suas palavras nos dão força para lutar por uma educação emancipatória.

Você faz falta, mas segue vivo aqui, estaremos lutando.

Com amor.

Leticia Yuri Kodaira Costa³⁰

³⁰ Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/*Campus* Paranaguá

Paranaguá-PR, 06 de junho de 2021.

Caro Paulo Freire

Sou Larissa Noili de Jesus Lira, e estou cursando a graduação em Pedagogia, e por meio desta carta venho agradecer, pois o Senhor nos concedeu a oportunidade de contemplar em suas obras perspectivas e práticas em prol da educação por meio de suas reflexões acerca do ensino, pude de fato entender o que é realmente a profissão de educador, e como acontece a relação aluno e professor, e como a realidade interfere no processo de aprendizado, percebi que é preciso atentar aos métodos e especificidades de cada sujeito.

Não posso esquecer de ressaltar que seus livros são fantásticos, pude de fato ler algumas de suas obras, e digo de coração que suas palavras vão de encontro com vários questionamentos que vão surgindo ao longo do tempo, já que vivemos em tempos que a educação não é valorizada, tornando o processo de ensino-aprendizagem algo generalizado, marginalizado, tornando a escola o alvo de interesse de terceiros, sendo que, a escola é de extrema importância na complementação do desenvolvimento do sujeito através dos saberes que aprendemos.

Visto que, como futura pedagoga, tive por meio de suas reflexões a oportunidade de compreender que nem sempre nossa formação será o suficiente, já que nossa profissão requer um olhar humanista, precisamos atentar as pequenas coisas,

entender que cada educando tem seu próprio tempo para aprender e não importa a idade e ele sempre virá com suas próprias experiências de vida e você terá que se adequar às realidades que surgirão.

Além disso, vale lembrar que em toda a história da humanidade a educação sofre com a falta de investimentos e recursos, dificultando a junção da teoria e prática que é muito citada na construção do desenvolvimento do aluno, fazendo refletir como o ensino é essencial para a vivência em meio a sociedade, nos transformando em sujeitos críticos e autônomos.

Portanto, com grande satisfação digo que nossa profissão é amor e de fato tive essa certeza com base nos seus ensinamentos, seu olhar humanista, buscando compreender os incompreendidos, mostrando como a educação pode ser libertadora.

Atenciosamente,

Larissa Noili de Jesus Lira ³¹

³¹ Pibid – Pedagogia – Unespar/ *Campus Paranaguá*

União da Vitória-PR, 06 de julho de 2021.

Querido professor Paulo Freire,

Me sinto lisonjeada por escrever essa carta para você. Eu inicio me apresentando, sou Ariane Margarida Seroiska, brasileira, nascida no interior do Paraná. Fui aluna de escola rural multisseriada e já estou há 7 anos me construindo como professora.

No ano de 2015, iniciei o magistério e o concluí em 2017 juntamente com o curso de Educação Especial. No ano de 2018, iniciei o Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná, foi nesse ano que comecei a conhecer mais sobre suas obras.

Eu li o livro “Pedagogia da Autonomia” na disciplina de Didática. Confesso que pouca maturidade eu tinha para entender a importância de toda sua obra para minha formação e para a educação brasileira, mas como se diz, estamos em eterna construção humana e docente, e agora no quarto ano do curso me sinto mais preparada para ler e buscar entender a sua obra.

Estamos no ano de 2021, o ano em que você completaria 100 anos de vida, acredito que você nem imaginava o que estava por vir. Pois nos anos de 2019/2020 entramos em uma pandemia Global de um vírus chamado Covid-19, vírus este que vem ceifando muitas vidas! E na busca de salvar vidas as Escolas, universidades, cursos, entre outras instituições fecharam e deu-se início a um modelo de ensino remoto utilizando as tecnologias para aproximar o professor do aluno.

Em muitos lugares esse modelo de ensino foi eficaz, mas o senhor bem conhece a realidade do povo brasileiro. Aqui sofremos com falta de acesso ao básico e quem dirá a tecnologia!

Aproveito e ressalto que desde a sua morte, há 24 anos, foram poucas as conquistas, estamos caminhando a passos lentos para uma educação como prática de liberdade.

Prezado professor, parece que os desafios têm aumentado cada dia mais, mas também posso dizer que esse novo modelo de ensino adotado na pandemia trouxe novas experiências e possibilitou vivências ímpares.

Eu faço parte do Programa Residência Pedagógica e a nossa II Jornada de Formação foi dedicada ao seu centenário. Tivemos a oportunidade de ler e discutir sobre o seu livro “Pedagogia do Oprimido” e, posso dizer que esse momento virou uma chave na minha formação.

Freire, queria aqui nesta carta te contar que a batalha do oprimido foi vencida e que em 2021 vivemos em um Brasil que preza por uma educação libertadora, que a desigualdade social foi vencida e que estamos vivendo em um mundo melhor, mas infelizmente continuamos caminhando vagarosamente e a escola continua sendo aparelho ideológico do Estado como descreve Gramsci.

Mas também queria te contar que muitos e muitos alunos, professores, mestres e doutores têm esperançado com suas obras. Nós educadores sabemos que só pela educação poderemos transformar a sociedade, é por meio do coletivo, do diálogo, da tomada de consciência, da práxis, do amor e do humanismo que chegaremos a uma educação libertadora, e é só

assim que mudaremos nossa sociedade tão desigual e tão oprimida.

Eu termino essa carta agradecendo a você Paulo Freire, por toda dedicação e empenho em pensar a nossa educação e por compartilhar conosco sua sabedoria através das suas obras, deixando seu legado e pensando sempre na libertação do oprimido.

Obrigada querido mestre! Com carinho e admiração,

Ariane M. Seroiska³²

³² Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/ *Campus* União da Vitória

Paulo Frontin, Paraná, 16 de junho de 2021.

Ao mestre, Paulo Freire!

Querido mestre, hoje as cartas são uma forma de refúgio dentre os meios tecnológicos, parece que a vida está sendo robotizada, tudo está muito corrido, horas são minutos, em meio a esse processo de evolução e aceleração da humanidade, a educação se encontra no meio. Sabe mestre, as coisas não vão tão bem quanto o senhor esperava, assim como a vida, a educação é vista como um processo automático, apenas para formar os indivíduos para o mercado de trabalho.

Eu estou em processo de formação, com isso vejo que ainda temos salvação para a educação, sempre encontramos uma luz no fim do túnel, vejo que essa luz se encontra na formação dos futuros professores, precisamos formar professores críticos para que construam novas mentalidades em seus alunos, para que as crianças cresçam como críticas e reflexivas, compreendam a fundo as questões que lhes forem impostas, assim como também questionar o real significado do mundo e o que está em volta dele.

Parece complicado, mas não é impossível, se quisermos um mundo melhor, precisaremos lutar por ele, nesse sentido, podemos começar pela educação, que deve ser transformadora.

Estava refletindo agora, já foram tantas barreiras educacionais que ultrapassamos durante séculos, parece que agora, cada vez mais, a educação vem regredindo, tudo está

naquela de “fazer por fazer”, mas acho que quando falamos de aprendizagem e ensino, para que a mesma ocorra, os alunos precisam primeiramente compreender o porquê de determinada atividade e jamais levar em consideração o “fazer por fazer”, aquele fazer apenas para obter a nota que se almeja tanto.

É necessário que todos, unidos, criemos um processo de DESCONSTRUÇÃO dentro das escolas, dentro de nossos métodos e didáticas, para que assim seja possível reestruturar o ensino e a educação.

Enfim, só queria contar um pouquinho de como se encontra a educação e o que podemos fazer para que a mesma seja influenciadora na vida dos indivíduos e não apenas uma forma de ingressar ao mercado de trabalho, por fim, aqui me despeço!

Atenciosamente e com carinho,

Andressa Cristina Machnicki³³

³³ Pibid – Pedagogia – Unespar/ *Campus União da Vitória*

Apucarana, 14 de junho de 2021.

Prezado Senhor Paulo Freire!

Venho por meio desta agradecer suas contribuições para com a Educação, através do estudo e debate de seus escritos, pude aprender a ver meu papel enquanto professora como alguém que além de ensinar conteúdos matemáticos, deve observar a sociedade como um todo e tornar cidadãos conscientes.

Que eu possa me esforçar para auxiliar e compreender meus alunos, abrindo espaço para o diálogo sobre os problemas recorrentes na sociedade, procurando sempre entender e acolher a eles, os impulsionando sempre para que sejam ativos nesses aspectos e que possam mudá-los.

Agradeço por poder fazer parte desse estudo e por poder ter acesso a um material importante, que na minha opinião deveria ser visto e discutido desde o ensino básico. Eu tenho a honra de poder ter estudado e aprendido ao menos um pouco sobre esse grande campo educacional e esse grande autor.

Atenciosamente,

Jeniffer Paula Cruz³⁴

³⁴ Residência Pedagógica – Matemática - Unespar/ *Campus Apucarana*

Apucarana 06 de julho de 2021.

Saudoso Paulo Freire,

Venho através desta carta relatar os percalços que a nossa educação tem vivido. Diante toda a sua motivação em deixar um legado para uma educação melhor e uma sociedade livre, quero expor algumas considerações, pois viveste e ensinaste através de sua sabedoria e de seus livros que é para nossa erudição, e que mostra os caminhos para que a nossa educação se torne libertadora, porém por vezes me refaço em indignação ao saber que a sua preocupação com a educação, que retratava uma necessidade de mudanças, em suas reflexões não fora dado o mérito devido, mas o que vejo por conseguinte são retrocessos e reflexos de mecanismos de poder na sociedade.

Ora sei que estes mecanismos trazem consequências, uma educação bancária, onde o oprimido não se liberta e não solta suas amarras e induz somente ao mecanismo de opressão do sistema capitalista, “e o que faremos então para mudar as decorrências deste mecanismo?”

Nesta visão de incertezas e momentos conflitantes e debilitantes diante de uma pandemia mundial venho através desta carta relatar os percalços que a nossa educação tem vivido, retrato o caos que nossa educação vive, em que trouxe como consequências alunos fora da sala de aula, pois as escolas se fecharam por causa do agravamento da pandemia, e isto já faz um tempo, completou um ano e três meses nesta situação, pois se na escola já havia dificuldades em fazer mudanças e abrir os olhos de nossos alunos, para que procurassem alguma forma de se libertar e buscar na educação uma mudança de paradigmas, agora o que vejo é desastroso, alunos que por uma situação financeira baixa não possuem acesso a aulas remotas e a falta de acesso tem sido a tempestade que move essa avalanche de desigualdades sociais, aos que possuem meios de acessar as aulas online, nem sempre buscam o conhecimento, mas em sua maioria estão conectados para receber presença, conseguinte a educação tem sido cada dia menos valorizada.

Logo entendo que suas palavras nunca foram tão importantes quando disseste: “Enquanto eu luto sou movido pela esperança”, sim é nesta esperança que professores e estudantes de licenciatura como eu buscam espelhar nas suas declarações, que faz com que eu possa vislumbrar um dia melhor, um dia onde

as desigualdades serão quebradas, pois ainda sinto o peso das suas declarações: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação – reflexão.

Reporto-me agora em responder-te a minha própria pergunta, “e o que faremos então para mudar as decorrências deste mecanismo?”. É através da educação libertadora que podemos mudar, através da palavra, da ação-reflexão, assim continuo acreditando e passando para os mais jovens que esta é a solução.

Por fim agradeço todos os seus ensinamentos, pois nas suas elocuições posso respaldar a esperança na educação, pois se cada um fizer a sua parte com amor, poderemos mudar o mundo.

Atenciosamente

Maristela Ferreira Banak³⁵

³⁵ Residência Pedagógica – Matemática – Unespar/ *Campus* Apucarana

Ilha dos Valadares, Paranaguá/PR, 14 de junho de 2021.

Caro Paulo Freire,

Não tenho como começar esta carta senão agradecendo por tamanha contribuição às milhares de vidas que sei que o senhor modificou, seja pessoalmente ou por meio de suas escritas e trabalhos tão bonitos. É incrível o quanto a sua visão de mundo, expressa de diversas formas há décadas atrás, ainda é tão atual e tão urgente.

Apesar das inúmeras tentativas de te calar e de te excluir da nossa sociedade, nós estudantes, professores e agentes da educação que sonham com a realidade que o senhor desejava, seguimos firmes na luta para que este sonho um dia venha a se tornar realidade. Seguimos acreditando que a educação muda as pessoas e essas transformarão o mundo, tornando-o um lugar lotado de boniteza, mais cheio de oportunidades, de valores, de carinho, de amor, de empatia, de cuidado e muito mais responsável. Sendo assim, menos excludente, menos ganancioso, menos “poderoso”.

Quem dera se todos concordassem com as suas falas e ideias, e que assim pudéssemos ser capazes de superar as

condições de oprimido e opressor, sendo autores da nossa própria vida, compreendendo de forma clara e ampla o mundo que nos cerca. Quem dera se a educação fosse prioridade para os nossos governantes e o restante de nós, e que assim todos tivessem acesso a ela. E mais importante, que essa educação fosse de fato transformadora e libertadora, exercendo a democracia. Penso que assim, metade dos nossos problemas enquanto sociedade estariam resolvidos.

Enfim, o que me resta é manter a esperança de dias melhores e lutar para que eles cheguem. Não vou desistir de um futuro onde a educação nos liberta e nos permite viver de forma tão mais humana e bonita, do jeito que todos merecemos.

Obrigada, Paulo Freire, por acreditar nisso tudo e encorajar tantos outros a fazer o mesmo. Espero um dia presenciar e viver essas mudanças.

Atenciosamente,

Nathalyn Alexia³⁶

³⁶ Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/ *Campus* Paranaguá

Curitiba, 12 de julho de 2021.

Caríssimo Paulo Freire!

Olá, sou Otávio Moraes, tenho 19 anos, e estou no segundo ano do curso de Licenciatura em Teatro da Unespar.

Ao contrário de muitos colegas de curso, a docência já me chamava atenção há muito tempo. Minha mãe é professora, então cresci dentro da escola, e sempre tive ao menos um professor que ensinava com o coração. E, claro, junto com todos os meus colegas, sempre me ative à arte para buscar o lado belo da vida. E o curso que escolhi se mostrou como uma possibilidade de unir estas duas coisas que me atraíam há tanto tempo.

Ainda no primeiro ano do curso, surgiu um edital que me chamou atenção para participar: o Pibid. Este programa proporciona uma aproximação entre universidades e escolas, e é voltado para alunos do primeiro e do segundo ano. Não pude perder a chance de participar, ao entender que o programa me incluiria na sala de aula um pouco mais cedo do que o programado inicialmente.

Uma das atividades que o Pibid me propôs foi a leitura do seu livro “A Pedagogia do Oprimido”, que eu achei muito bom,

embora ache que tenha faltado, de mim, um pouco de paciência para lê-lo, pois, não consigo ler artigos digitais por muito tempo, e foi apenas assim que consegui acesso à obra.

Paulo, durante a leitura, e também como proposta do programa acima citado, me surgiram algumas dúvidas. E a primeira, logo no primeiro capítulo, é sobre a forma como a pedagogia apresentada deve ser trabalhada.

É dito que ela deve ser feita com o oprimido, com o educando, o que seria fantástico de se fazer, uma pedagogia em conjunto. Porém, na realidade que enfrentamos hoje, nem todas as propostas do educador são aceitas logo de cara, e muitas vezes, este começa a executar, para que o educando entenda e participe depois de já iniciada. Seria possível fazer o mesmo com a pedagogia do oprimido, caso este não a aceite em um primeiro momento? Poderia começar formando essa pedagogia para mostrar o que se pretende, e depois de convencer o oprimido, fazê-la com ele?

Sei que pode não ser o ideal fazer isso. Mas, como aluno observador que aprendi a ser com o passar do tempo, pude ver vários tipos de abordagens diferentes, tanto de alunos quanto de professores. Vi alunos que se interessam, mesmo quando os professores não se dedicam como se espera, e vice-versa. Vi

professores que ganham a atenção e o carinho meses depois de iniciado o trabalho, e também vi alguns que perderam tudo isso no decorrer dos estudos. E muitos outros exemplos, os quais não é preciso listar aqui.

E, devido a essa pluralidade de encarar e realizar a educação, vi muitas vezes uma proposta que ganhou força vindo do professor, outras que vieram da turma, e deram certo, levaram ao aprendizado de ambos os lados. E vi também propostas em que a turma fez só o mínimo, para agradar ao professor, e ele ficou decepcionado. Então, sabendo que a proposta precisa ser aceita pelos dois lados da educação, e que nem sempre essa aceitação é fácil quando apenas no campo das ideias, creio que a minha dúvida seja útil para alguém que pretende dar aula tão logo possível, e não quer ser empecilho na caminhada de seus futuros estudantes, mas uma ajuda.

O segundo capítulo fala que a educação libertadora deve ser problematizadora e deve fazer o homem pensar suas relações no e com o mundo. Mas, deve haver limites para essa problematização? O homem pode se ver em perigo se problematizar demais?

Como jovem leitor do mundo, percebo que muitos assuntos são problematizados. E entendo que é preciso esta

problematização, que ela auxilia na libertação das pessoas. Mas, muitas vezes, essas problematizações chegam a um nível, que ao invés de questionar e buscar o diálogo, que é essencial para a libertação, tanto do oprimido quanto do opressor, as pessoas passam a se agredir moral, ideal e até mesmo fisicamente. Devido à problematização sem limites, o oprimido se torna opressor de seus companheiros, também oprimidos.

Como educador, o líder pode auxiliar o oprimido a entender os limites que a problematização, no meu entender, precisa ter? Porque, pelo que o texto fala, não é benéfico que o oprimido seja opressor para se libertar, pois uma vez nesta situação, ele vai querer se manter ali, mesmo não sendo ele o opressor real da situação total em que se encontra preso.

No terceiro capítulo é apresentado o conceito de “situações-limite”, que impedem que o oprimido perceba a situação de opressão como um todo, impossibilitando sua compreensão como oprimido, e da identificação do opressor, levando à total inalcançabilidade da libertação.

Como um caminho para a superação das “situações-limites”, é dado o diálogo, e a Síntese Cultural. E através disso, a percepção e superação dessas barreiras impostas pelo opressor e sua cultura, para manutenção da situação.

A percepção da totalidade das “situações-limites” depende da concepção de cultura do oprimido? Essa concepção pode alterar a forma como ele as percebe?

Questiono isso pois, fazendo-se uma leitura crítica da sociedade, podemos perceber vários conceitos de cultura, devido à variedade de pensamentos existentes. E eu creio que o que pode ser um limitante para uma determinada forma de pensar, pode ser um impulso para seu pensamento.

O texto traz, também, o diálogo das concepções de cultura existentes para a possibilidade da percepção, então, entende-se que elas se conversam e entrarão, através do diálogo, em um consenso de quais são as situações que impedem a libertação de todos, já que os homens se libertam em conjunto.

Mas, caso o grupo em que se está trabalhando tenha a mesma concepção de cultura, e o mesmo modo de pensar, o líder pode encontrar dificuldades, devido essa concepção, em alcançar a percepção total das “situações-limites” com o grupo?

No último capítulo, são apresentadas as teorias das duas educações, mas o que me chamou mais atenção é a questão de que a reflexão e a ação devem ser feitas juntas, mas que, a reflexão da situação deve vir antes da primeira ação. Aqui, é trazida a questão de que, se a reflexão demonstrar a

impossibilidade ou a inadequação da ação no momento, a reflexão deve ser mantida, até se encontrar a forma apropriada no momento certo para agir.

Porém, dependendo da forma como a pedagogia vem sendo trabalhada, o oprimido pode querer agir, mesmo que a reflexão traga a percepção acima referida. Caso ele aja, mesmo na impossibilidade ou inadequação, essa ação pode gerar a impossibilidade da revolução e libertação, bem como a falta de diálogo causa?

Como jovem, tomo muitas ações impensadas e até mesmo inadequadas. Elas, várias vezes, impossibilitam que eu alcance determinado objetivo. Uma ação inadequada do oprimido, ou mesmo adequada, mas no momento errado, pode gerar a impossibilidade de se alcançar a libertação, assim como ações inadequadas de jovens podem impossibilitar-lhes de alcançar o que pretendiam?

Achei o texto muito bom, me levou a refletir sobre a forma como fui educado, como meus professores trabalham, e como a escola, o Estado, a sociedade e até eu mesmo pensamos a educação. Percebi, também, que sem assustar o opressor com uma revolução, é possível realizar a pedagogia do oprimido aos

poucos, e mesmo mantê-la sem a transformação total que ela quer por um tempo.

Como já mencionei, conheci vários profissionais da educação, e muitos deles pensam através desta pedagogia, mas sabem que não podem enfiá-la goela abaixo do atual sistema educacional, e vão, aos poucos, transmitindo e realizando-a com os alunos e colegas que se mostrarem dispostos a aceitar.

Desde já, fico grato pela sua atenção!

Atenciosamente,

Otávio Moraes³⁷

³⁷ Pibid – Artes (Teatro) – Unespar/ *Campus* Curitiba II

Curitiba, 12 de julho de 2021.

Caro professor Paulo Freire,

Me chamo Cristhian, sou aluno de licenciatura em Artes Visuais na Unespar. Durante o mês de janeiro realizei a leitura de seu livro a Pedagogia do oprimido, proposto por nosso programa de iniciação à docência do qual faço parte.

Venho por meio desta realizar alguns apontamentos, reflexões e dúvidas referente ao seu livro. Como futuro professor e participante de um programa de iniciação à docência, estou tendo os primeiros contatos com o ambiente da sala de aula e as relações que surgem neste ambiente, como a de professor-aluno. A leitura do seu livro trouxe várias contribuições à minha formação, além de várias reflexões acerca da relação pré-estabelecida entre professor-aluno ao longo da história.

Hoje o ambiente escolar ainda é muito inspirado e estabelecido na pedagogia tecnicista, a escola como ambiente e estrutura pouco evoluiu desde a sua concepção até hoje, e como o senhor ressalta em seu livro, estamos muito fundamentados em uma relação de opressão, tanto socialmente quanto politicamente, situação essa que se reflete na escola.

Como participantes dessa relação opressora, muitas vezes acabamos por perpetuar como educadores essa relação necrófila com nossos alunos, sugando-lhes a criatividade e o pensamento crítico. Com a leitura de um livro tão esclarecedor e direto como o seu, podemos abrir nossos olhos e mentes para essa relação a

fim de não perpetuar e incentivar essa relação tóxica com nossos alunos.

A pedagogia libertária que tanto é defendida em seu livro encontra algumas barreiras principalmente no sistema público de educação, com o qual estamos em contato, e essas barreiras muitas vezes fogem ao controle do educador em si, e necessitam como o senhor mesmo cita em seu livro, de uma revolução para que ocorra.

Não é de nosso interesse como educadores, que ao optar pela mudança gradual e processual desmascaramos a opressão e mesmo sem querer, manipularmos de forma populista nossos alunos, mas ao mesmo tempo encontramos dificuldades em revolucionar.

Minha primeira questão é como nós em um ambiente escolar opressor damos o primeiro passo em direção à libertação de nossos alunos sozinhos, pensando que para tal façanha não temos o apoio do sistema, nem da direção da escola em que estamos inseridos?

É notório perceber que o problema da opressão está inserido em camadas muito mais profundas da sociedade do que nós podemos alcançar sozinhos, a revolução necessária terá que atingir todo um sistema pré-estabelecido e arraigado no pensamento da sociedade.

Contudo nós como educadores temos o acesso à sociedade futura através dos nossos alunos, portanto temos a responsabilidade de ao menos tentar causar a mudança neles.

Ao se colocar nesta posição surge a questão envolvida na investigação dos temas geradores. O senhor defende que

ninguém educa ninguém, e ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo. Portanto, partindo deste ponto cabe ao educador através dos temas geradores causar o interesse crítico no ser humano.

Olhando para o mundo os interesses surgirão à medida que o ser humano se interessa e o questiona. Porém, hoje a realidade é que muitos alunos já não se questionam mais sobre nada, estão tão imersos na relação de opressão, que os interesses deles são os interesses de seus opressores.

Como que nós podemos como educadores, como professores que promovem o diálogo inspirar esses alunos a pensar por si mesmos e questionar a posição em que estão inseridos?

Além disso a questão de ensinar por meio dos interesses de quem aprende nos coloca em “xeque” novamente como educadores, pois vivemos em um sistema onde a maior oportunidade para um jovem encontrar seu caminho para o pensamento reflexivo e a instrução é o vestibular, que acaba por castrar os educadores a uma lista de conteúdos que deverão ser trabalhados, e isso faz com que perpetuamos a relação de opressão para uma possível libertação futura.

Como podemos contornar a lista de conteúdos programados para poder praticar uma educação mais humanista e libertária?

Outro ponto que gostaria de levantar seria o das relações afetivas com os educandos, em outro texto seu o senhor reforça que ensinar exige querer bem aos educandos, e neste livro fica ainda mais notório que para existir um ambiente seguro onde os

questionamentos críticos ocorram é necessária a confiança entre educador , educando e entre os próprios educandos, pois aprenderão uns com os outros.

O senhor também ressalta que é apenas por meio de uma educação libertadora que existe amor entre as partes, pois em uma educação bancária que coloca o educando em uma situação de opressão não pode existir amor.

Pensando neste conceito como podemos desenvolver as relações afetivas entre os alunos, visto que, eles têm vivências diferentes e origens diferentes, e justamente por esse motivo podem aprender muito uns com os outros, porém estão viciados em perpetuar relações abusivas, e certamente a farão uns com os outros?

O ambiente da escola se mostra muito desafiador para educadores que optam por seguir o caminho da educação libertadora, e como futuro professor de artes sinto que esse tipo de educação será sim a ideal para trabalhar com meus futuros alunos, e farei a força necessária para que funcione mesmo que de forma gradual esta revolução, porém como outras áreas do conhecimento sobretudo as exatas poderiam se apropriar desta pedagogia?

Atenciosamente,

Cristhian Kuhnen³⁸

³⁸ Pibid – Artes (Artes Visuais) – Unespar/ *Campus Curitiba II*

Jaraguá do Sul, 08 de fevereiro de 2021.

Carta à Paulo Freire,

Essa carta está sendo escrita no mês de janeiro do ano de 2021 no Brasil, América Latina. Acredito que para iniciá-la é importante ter em mente esses dados.

Gostaria que essa carta fosse lida como uma proposta de diálogo, porque ao finalizar a leitura do livro “Pedagogia do Oprimido” a impressão que ficou foi essa: um diálogo do passado com o presente. Portanto, a quem lê vou tratar como “o autor”, pois é para ele a quem essa carta é destinada.

Caro Paulo Freire, ao ler sua obra, me deparei com o impacto que ela teve em mim. Eu sou fruto do que considero ser uma pedagogia da libertação, pelo menos em partes. Durante meu ensino médio, tive a possibilidade de ter contato com práticas pedagógicas que faziam com que os alunos tomassem sua voz e partissem na pesquisa de temas que eram relevantes a eles, com a mediação dos educadores. O nome desse projeto era Conectando Saberes, em que a proposta era ensinar os alunos o

método científico na prática, a partir de problemas relevantes a esses alunos.

Na mesma instituição, tive grandes educadores de diversas áreas — tanto filosofia e sociologia, como matemática — que fizeram um papel importante para uma educação que tem o objetivo de libertar e não alienar. Apesar disso, também vivenciei em alguns momentos nessa instituição uma educação bancária, porque acredito que apesar do grande esforço coletivo para uma educação de qualidade que fosse de fato libertadora, alguns dos educadores reproduzem a estrutura na qual foram formados.

Refleti muito sobre essa experiência que infelizmente acredito ser exceção dadas as condições da educação no meu país, e o quanto todos estão desacreditados que ainda possa ter uma salvação para ela. Por isso, me levei a questionar como irei exercer minha função de educadora quando chegar o momento. Será que não posso falhar ao acreditar que estou aplicando uma educação libertadora, quando na realidade estou somente reproduzindo uma educação de opressão?

Acredito que é um trabalho árduo, que precisa de cautela, estudo e empatia. Não é impossível, mas precisa ser trilhado para não cair na reprodução de uma estrutura opressora. Por isso, gostaria de levantar uma análise, referente a algo extremamente

popular no momento e que acredito que reflete exatamente a realidade da sociedade brasileira e também o que a obra crítica.

A análise seria referente ao reality show BBB 21 transmitido pela emissora Rede Globo. O reality consiste em participantes que estão confinados em uma casa, onde precisam realizar provas para assim dar seguimento ao jogo, onde pouco a pouco o público vai decidindo quem quer eliminar. E particularmente nesta edição observamos que muitas pessoas as quais tinham um discurso “libertador” a favor dos oprimidos oprimiram os colegas de confinamento. Comportamento intitulado na internet como “cancelamento”, só que diferentemente do que acontece nas redes sociais, onde o comportamento “nasce”, foi possível observá-lo no “mundo real”.

O público ao mesmo tempo que ficou extremamente desconfortável, também cancelou quem estava cancelando, gerando assim uma rede de ódio, onde não havia diálogo. E o que mais choca, é que as pessoas dentro da casa e também fora dela que tiveram essa atitude são aquelas que dizem levantar a bandeira dos oprimidos. Ao ver essa situação acontecendo, lembrei diversas vezes do que li nas páginas da Pedagogia do Oprimido, principalmente a passagem que diz que os oprimidos tendem a hospedar o opressor.

Em síntese, o livro, caro autor, é uma análise dolorosamente real do que vivemos. E o meu desejo e compromisso como estudante de licenciatura é poder saber praticar na minha docência a pedagogia do oprimido, para que assim todos nós possamos exercer nossa função de *ser mais*.

Meu real agradecimento,

Maria Eduarda Bonatti³⁹

³⁹ Pibid – Artes (Teatro) – Unespar/ *Campus Curitiba II*

Paranavaí, 05 de junho de 2021.

Senhor Paulo Freire,

Após a leitura e participação em palestras que falam sobre a sua obra “PEDAGOGIA DO OPRIMIDO”, pude perceber que o Senhor faz uma contraposição entre Opressor (professor) x Oprimido (aluno) no mundo da educação, onde ela não pode ajudar a desenvolver o conformismo social, ou melhor dizendo, a ação é um meio revolucionário de vida, logo a educação não pode ser revolucionária em um conformismo social.

O que mais me chamou atenção foi de que o senhor fala da educação de uma maneira clara e objetiva, separando-as em quatro fases. Começarei falando sobre a educação brasileira que tem um fetiche social, no qual se aplica a ideia de que ensinar não é pensar algo planejado, e sim ser transformador. O professor precisa se politizar do seu único papel de inserir o aluno na sociedade, ou seja, no mundo real. O aluno precisa do professor para fazer com que o mesmo pense sobre seu papel social, e também o docente precisa entender sua importância social, como agente transformador da sociedade.

Já a educação bancária está voltada a concepção bancária, ou seja, faz uma crítica de que o docente muitas vezes é o culpado de “criar” o aluno em um “computador” cheio de informações, como se o aluno fosse incompetente, ou seja, não ser capaz de produzir conhecimento. Nessa educação, o aluno é um ser de pensamento mecânico que só serve para reproduzir o que o docente fala, mas não é assim que deve funcionar, o aluno tem que fazer com que a sociedade o inclua no meio, melhor dizendo, transformar a realidade social.

Em relação à educação libertadora, ela está dentro da Dialogicidade, ou seja, o diálogo no processo educativo em que o professor tem que expressar palavras e ações, ser o professor mediador, ser “amigo” do aluno, onde este aluno é educado para uma liberdade em geral, que através do diálogo gera uma grande construção social.

Por fim, a educação transformadora está dentro da teoria da ação antidialógica, na qual o educador se posiciona como líder, tem que fazer com que o aluno saia da posição de oprimido para criar um novo mundo, para acabar com o antigo padrão da sociedade dominante.

Após a análise do livro, participação em palestras e o que foi mencionado anteriormente, gostaria de parabenizá-lo, pois o

senhor faz uma divisão dos tipos de educação e relaciona com a realidade em que vivemos, onde de uma maneira geral o professor não quer exercer o papel de opressor, ou seja, que só joga conteúdo no aluno e fica por isso mesmo, ele quer ser “amigo” dos alunos por meio da dialogicidade. E para finalizar, digo que o educador é tão vítima quanto o aluno.

Atenciosamente,

Vinicius Dereste Lima.⁴⁰

⁴⁰ Residência Pedagógica – Educação Física – Unespar/ *Campus* Paranavaí

Paranavaí, 05 de julho de 2021.

Querido Paulo Freire,

Sinto um prazer enorme em poder te escrever, venho aqui fazer uma reflexão quanto ao ler seu livro A pedagogia do Oprimido. Fica evidente a busca incansável pela transformação do sujeito, no anseio de liberdade, de justiça e de luta.

O primeiro capítulo aborda sobre essa vocação negada, mas também afirmada na própria negação onde na injustiça, na exploração, e principalmente na violência dos opressores.

A contradição entre o opressor e o oprimido fala muito neste início, em que o oprimido procura recuperar sua humanidade, diante dos fatos que o capítulo trata onde através de todas as situações que o oprimido passa, o mesmo involuntariamente se torna o opressor, e a dualidade acontece, trágico dilema que passa a acontecer quando sua pedagogia passa a enfrentar este fato.

O opressor se solidariza ao oprimido, quando o seu gesto não é mais individual, e passa a ser um ato de amor à aqueles, onde o senhor relata que é necessário um comprometimento autêntico, de uma aproximação verdadeira, não causada por interesse, onde a verdadeira solidariedade é não fazer o bem forçado.

Pensando nisso, a luta pela libertação que o seu livro aborda me faz pensar que captar a realidade, conhecer, e principalmente transformar é um ato de revolução, para ter uma visão autêntica do mundo, e assim poder modificar o

pensamento, a realidade e o contexto social que todos nós estamos inseridos, acontecendo de forma coletiva e não isolada, onde não podemos ser seres contraditórios e divididos para não nos perdemos nessa dualidade de oprimido e opressor.

A educação bancária é outro ponto forte que o senhor relata no segundo capítulo do seu livro, que também é visto como um instrumento de opressão. A educação é vista como um depósito em que os educandos são os depositários e o educador o depositante, onde fica claro o sujeito impotente de pensar, agir, transformar, e principalmente humanizar-se deixando de ter voz e recebendo informações, onde a manifestação instrumental de ideologia da opressão, que visa transformar a mentalidade do oprimido, e não a situação que o oprime, que diante disto você, mestre, defende que o ser humano está sempre a procura de novos conhecimentos, onde a vocação ontológica é humanizar-se.

A dialogicidade como ponto chave do terceiro capítulo vai falar de sua importância no processo de educação como prática da liberdade, e também no processo educativo principalmente dentro do contexto escolar, onde a expressão entre os conteúdos programáticos dentro dos conteúdos ministrados como construção de educação entre o aluno e o professor, o diálogo como processo fundamental para dar sentido ao mundo em que vivemos e nos relacionamos.

O embate das teorias dialógicas e antidialógicas, onde o senhor afirma e diz que evitar o diálogo é temer a liberdade e não crer no povo, onde a importância do homem como um indivíduo que pensa, a ação de transformar é devido sua ação e reação.

E, ao refletir sobre os capítulos abordados dentro da Pedagogia do Oprimido, observei que dentro das minhas colocações vemos que o senhor elabora e enfatiza conceitos pedagógicos de ações pelas quais a busca de uma transformação dentro do contexto social.

O processo de educar me fez e me tornou um ser pensante de como eu, com as minhas ações futuras, posso modificar e transformar a minha realidade no movimento de educar, dentro do processo de ensino-aprendizagem da realidade professor e aluno, como ser humano e principalmente no contexto coletivo e social.

Muito Obrigada, gratidão eterna pelos ensinamentos e reflexões,

Laís Parra⁴¹

⁴¹ Residência Pedagógica – Educação Física – Unespar/ *Campus Paranaíba*

Paranavaí, 08 de julho de 2021.

Caro Paulo Freire,

Me chamo Robert Vinicios da Silva Júnior, tenho 20 anos, sou acadêmico do 4º ano do curso de Educação Física da Universidade Estadual do Paraná e participo do programa Residência Pedagógica desta universidade. Venho por meio desta carta relatar a minha primeira experiência de estudo sobre seus escritos na II Jornada de Formação Docente do Pibid e do RP Unespar: Paulo Freire: ainda hoje.

Particularmente, nunca havia estudado suas obras, Paulo Freire, mas confesso que achei diferente a forma como foi construído o modelo organizado para a escola a partir do que me foi construído de conhecimento através da Joana Vaz. A referida professora trouxe para o debate informações de grande relevância sobre sua vida, Paulo Freire, desde quando ainda era vivo fazendo uma revolução na educação até os dias atuais.

Achei interessante a parte que fala sobre a questão do opressor x oprimido, que trata sobre a questão de o oprimido sempre obedecer e aceitar as questões que o opressor fala. O papel do opressor refere-se a questão de ganhar as pessoas com propagandas bem elaboradas, sendo que um exemplo são as escolas cívico-militares, que foram construídas por meio de uma boa propaganda, falando que as escolas que comesçassem a trabalhar com o método cívico teriam um ensino de melhor

qualidade na vida dos alunos. Assim, graças a essa propaganda de marketing algumas escolas já aderiram a essa política.

Também gostei de um ponto que foi falado no debate sobre estarmos em processo de libertação, ou seja, estamos discutindo aquela ideia fixa de que a escola desenvolve a educação, e estamos adotando novas ideias e novas medidas para que se tenha um ensino de qualidade, seguindo apenas um bom planejamento.

Contudo, uma coisa é fato, para que haja um diferencial no ensino de aprendizagem, alguém tem que dar o pontapé inicial, que no caso, parte de nós futuros professores trazendo ideias transformadoras para um ensino de qualidade e de bom desenvolvimento.

Desde já agradeço a atenção!

Atenciosamente,

Robert Vinicios da Silva Júnior⁴²

⁴² Residência Pedagógica – Educação Física – Unespar/ *Campus* Paranavaí

Campo Largo, 02 de fevereiro de 2021.

Estimado Paulo Freire,

Escrevo-lhe esta carta tomada de um turbilhão de sentimentos, ora pela alegria de poder ler seus escritos, ora pela aflita realidade que estamos vivendo. Há, dentre tantas comoções, algo que sempre me cativou e que talvez seja por isso que eu tenha escolhido seguir a carreira de educadora. E esse algo é a inquietude. Inquietude esta que me faz querer quebrar as armaduras conservadoras que pairam sob a sociedade, em diversos aspectos; que me torna uma incansável curiosa e que, principalmente, desperta em mim a ânsia pela liberdade. Liberdade essa tão presente em suas obras.

Hoje, falar sobre liberdade é doloroso, uma vez que a atual conjuntura política nos tira, vagarosamente, a esperança de dias melhores. Muito estamos ouvindo falar sobre o sucateamento da educação, que mais me parece um plano de governo que necessita de seres humanos não emancipados e sem consciência de classe. Assim sendo, é impossível não reconhecer que educação e política são realmente indissociáveis.

Mas na contramão, gostaria que soubesse que há incontáveis educadores e educandos inquietos que vão contra ao

conformismo social, e que acreditam e lutam por uma educação transformadora e revolucionária, essa que tanto você buscava... E é aqui que me identifico e meu olhar de discente encontra esperança para seguir no caminho certo.

Não posso negar que ainda existe um certo fetiche por um ensino conteudista, eurocêntrico e pelos modelos das escolas privadas, mas também devo dizer que há uma significativa parcela de escolas e docentes dispostos a romper com tais hábitos, e enfim podemos ver a dialogicidade tomando espaço no ambiente escolar.

Ainda assim, mesmo que pareça um tanto utópico - e ai de nós se não houvesse a utopia -, me pergunto quanto tempo mais levaremos para que o diálogo chegue nas escolas mais periféricas, nas quais a desigualdade é devastadora e a bala perdida chega primeiro. E se eu te contar que as balas perdidas só encontram os corpos negros? Corpos de crianças, jovens e educandos... Ah, Paulo, desculpe falar sobre isso, mas como mulher negra e futura educadora, sonho com um projeto político pedagógico antirracista. Eu imagino que você tenha sonhado com isso um dia também. Educação, racismo e política são mesmo indissociáveis.

Por fim, gostaria de dizer que tem uma frase sua que segue reverberando em mim, em que você diz que “é fundamental

diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática". É isso que venho desejando desde então, que possamos ser e ter educadores que pratiquem uma educação igualitária, transformadora e emancipatória.

Ah, antes que eu me esqueça, você estava certo quando disse em uma entrevista que talvez as gerações futuras teriam que lutar mais. Acredite, estamos lutando muito! E seu nome já é quase o nosso grito de guerra.

Obrigada por tanto, Freire!

Kelle Bastos⁴³

⁴³ Pibid – Artes (Teatro) – Unespar/ *Campus Curitiba II*

Cianorte, 02 de julho de 2021.

Caro Paulo Freire,

Qual seria sua opinião referente ao contexto educacional em que estamos vivendo? Eu gostaria muito de saber... Cada dia que passa surgem tantas verdades distintas umas das outras que acaba sendo complicado conseguir pensar quais seriam as mais sensatas. Depois de 100 anos, é impossível negar como suas obras são fundamentais e, por mais que o modo de viver esteja tão diferente considerando o tempo decorrido, seu nome ainda é objeto de muito estudo e pesquisa.

Veja bem, apesar de ter um trabalho incrível, há quem se oponha às suas ideias. Essa oposição diz que tudo que o senhor queria era manipular quem o lia. Nesse mesmo sentido, estas pessoas veem seu trabalho como um panfleto socialista que o senhor apenas demonstra onde está o problema educacional e o critica, isto é, que tal problema se refere à ordem social que é estruturada de forma equivocada.

Por esses motivos, é que dirijo esta carta ao senhor... São tantas perguntas que surgem e, ao estudar cada vez mais suas obras, vejo como elas são essenciais para criar um professor que seja capaz de conseguir plantar sementes por onde passar. Nas releituras, sempre é possível ver um novo ângulo ou uma nova perspectiva e, de fato, não há palavras para descrever como é de pura riqueza ler e reler seus livros.

É preciso fazer a revolução – uma transformação social. Apenas assim, aos poucos, será possível reinventar o sistema que nos cerca, que nos prende. Como o senhor mesmo diria “não me reproduzam, me reinventem”. Sendo assim, é preciso coragem! Coragem para não ter medo, coragem para mudar, coragem para tentar ir além do que nos é permitido e, Paulo Freire, o senhor é um dos motivos de tentarmos quebrar essas paredes que, muitas vezes, sufocam...

Certa vez, em uma palestra, ouvi a professora dizendo “A obra de Paulo Freire não cabe dentro da escola – ela é grande demais para isso”, foi depois de ouvir isto que comecei a questionar o quão grande, de fato, sua obra seria e, para ser sincera, até hoje não consegui chegar à resposta final. Portanto, espero que, pelo menos um pouquinho, eu tenha mostrado a sua importância para todos os professores e futuros professores – suas obras estarão sempre presentes!

Gentilmente,

Thais Fernanda ⁴⁴

⁴⁴ Pibid – Língua Portuguesa – Unespar/ *Campus* União da Vitória

Paranaguá (PR), 09 de julho de 2021.

Querido Paulo Freire!

Sinto-me imensamente alegre em poder lhe escrever.

Sou Karine Gonçalves das Neves, estudante do curso de Graduação de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná - Paranaguá.

O seu trabalho nos inspira em lutar cada vez mais pela educação, suas obras riquíssimas de conhecimento, nos levam a continuar buscando um mundo mais humanizado, com mais amor ao próximo, penso em humanização pois em tempos difíceis temos que nos unir para um bem maior.

Nossa educação, apesar dos muitos avanços, ainda tem alguns retrocessos, dentre eles está a resistência de muitos educadores em desenraizar-se do ensino tradicional. Mas não podemos perder a esperança, pois o que seria de nós sem essa esperança que nos move dia após dia? Apesar da resistência, digo-lhe que os educandos estão cada vez mais despertando para a consciência crítica, despertaram para os mais diversos assuntos que permeiam nossa sociedade, o embate já se nota em nosso meio, já não aceitamos tudo que nos é imposto.

Considerando todos os percalços que permeiam a educação, sinto que cada vez mais temos a responsabilidade de lutar por uma educação igualitária para todos na prática, ultrapassando as falácias.

Acredito que a educação tem um poder de transformação inigualável, pois através dela podemos ampliar o conhecimento dos indivíduos, libertando-os das amarras da ignorância. Como futuros docentes, temos esse compromisso com a educação, uma vez que, se chegamos até aqui, é porque nos libertamos da condição de oprimidos em que vivíamos, pois só o conhecimento tem esse poder libertador.

Em meio a avanços e retrocessos, ainda existem questões pertinentes que precisam evoluir em nossa sociedade. Valorizar a importância que tem a educação é uma das tantas que não conseguimos enumerar.

Desses tempos difíceis que a humanidade enfrentou, por consequência da pandemia, que tomou proporções inesperadas por culpa do negacionismo de tantas pessoas alienadas, desinformadas ou desinteressadas, nos restou a esperança de modificar a realidade, através do diálogo e da fraternidade.

Atenciosamente,

Karine Gonçalves das Neves⁴⁵

⁴⁵ Pibid - Pedagogia – Unespar/*Campus* Paranaguá

Campo Largo, 15 de fevereiro de 2021.

Querido Paulo,

Antecipadamente, me desculpo pela liberdade de chamá-lo apenas de Paulo, justifico dizendo que me identifiquei tanto com a obra lida, suas ideias e motivações que sinto como se tivéssemos passado horas conversando.

Me chamo Karen, atualmente estou na minha segunda graduação, motivada por uma vontade antiga de ser professora em algum momento da minha vida.

O livro a “Pedagogia do oprimido” foi escrito enquanto estava exilado pela ditadura e já faz mais de 30 anos que a ditadura acabou, mas vivemos com medo que ela volte. Sempre valorizei a educação, e sempre pensei como tantos problemas da sociedade poderiam ser resolvidos com melhoras na educação, mas foi só há pouco tempo, estando eu mais perto dos 30 anos que dos 20, que me vi como uma cidadã oprimida dentro de uma sociedade opressora, em busca da minha própria liberdade. E foi nesse momento que eu me dei conta de como eu precisava lutar não somente pela minha liberdade, mas também ensinar aos outros sobre a sua liberdade, a sua luta. Descobri que uma das minhas motivações na vida seria a luta pela educação.

Concordo plenamente quando descreve o medo da liberdade, como o oprimido tem medo de sua autonomia. Por vezes, me vi em situações em que seguir ordens era mais cômodo do que pensar por mim mesma. Sabe Paulo, desde 2020 vivemos em uma pandemia, teve milhões de mortes... Eu sempre fui uma pessoa religiosa, é fácil ter fé, é cômodo, mas a fé sempre me trouxe dúvidas, e nesse momento de pandemia eu percebi que a minha fé mais me controlava, do que me dava conforto, eu passei a me ver como uma fiel oprimida por uma religião. No começo, eu tive medo de deixar de acreditar, mas depois me senti livre.

Eu sempre ouvi aquela sua famosa frase “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”, sempre achei uma frase forte, mas eu não a entendia de fato. Após ler o livro, eu a compreendi melhor, enxerguei em nossa sociedade situações de opressão/oprimido, onde o oprimido em vez de se livrar de sua opressão, prefere oprimir outra minoria. Isso me mostrou o papel fundamental da educação, da busca pelo conhecimento, como busca pela liberdade. Vivemos em uma sociedade em que o opressor pode nos tirar tudo, mas nunca o conhecimento que adquirimos.

É na vontade de transmitir conhecimento que eu me encontro no sonho da docência. E preciso te agradecer, querido

Paulo, por me mostrar que professora eu quero ser, pois no papel do professor muitas vezes está intrínseco o opressor. Você me mostrou que é preciso educar com amor e diálogo. A educação é uma relação horizontal, tanto o aluno aprende com o educador como o educador aprende com o aluno, pois a educação serve à libertação das duas partes. É sempre tempo de aprender e de ensinar.

Querido Paulo, por fim, só tenho a agradecer por sua luta e por ter dividido seu conhecimento comigo e tantos outros leitores pelo mundo. Seguiremos lutando pela educação, e pela liberdade.

Com carinho, sua eterna aluna

Karen Cristina Grande⁴⁶

⁴⁶ Pibid – Artes (Artes Visuais) - Unespar/ *Campus Curitiba II*

Paranavaí, 08 de julho de 2021.

Caro Paulo Freire,

Recentemente tive o prazer de poder reler a sua obra intitulada *Pedagogia do Oprimido*, e consegui absorver mais coisas desde a primeira leitura.

O conhecimento que obtive será de grande ajuda em minha futura carreira como docente e, por isso, sou bastante grato. Mas, teve algo que não saiu da minha cabeça desde a primeira leitura desta grandiosa obra, algo que me entristece muitíssimo e que faz com que eu reflita bastante sobre a cegueira que assola a sociedade atualmente.

Uma cegueira ocasionada pelas vendas da ignorância, vendas que, infelizmente, a cada dia que passa, vedam os olhos e as mentes dos seres humanos. Vendas tão perigosas que conseguem vedar tanto os olhos quanto a mente, porém, não vedam o que é necessário, a boca.

Muitos o têm criticado sem ter o mínimo de consciência da sua importância para com a educação. Pegam frases isoladas

de suas obras, as deturpam e as ressignificam. As usam para atacar a educação e os educadores e, infelizmente, essas pessoas estão conseguindo fazer bastante barulho atualmente.

Apesar de conseguirem fazer tanto barulho, vejo que ainda há muitas pessoas que conseguem entender o que escreveu e isso faz com que a minha crença na educação continue viva.

Percebo que não será fácil conseguir fazer mais barulho do que aqueles que estão cegos pela ignorância, mas não será impossível.

Sou muito grato por tê-lo conhecido por meio de sua obra e sinto-me privilegiado por ter tido a oportunidade de ler o teu livro *Pedagogia do Oprimido*.

Foi uma leitura edificante que me permitiu conhecer as suas ideias e que vou levar os conhecimentos obtidos por toda a minha vida.

Cordialmente,

Lucas Rafael Porfírio da Silva⁴⁷

⁴⁷ Pibid – Língua Portuguesa - Unespar/ *Campus Paranavaí*

Apucarana, 15 de junho de 2021.

Saudações,

Querido Paulo Freire, li seu livro e fiquei lisonjeada com tamanha preciosidade que tem em suas palavras, como se já nesse tempo podias notar tamanha covardia por parte de alguns ditos seres humanos, capazes de oprimir a quem a vida por si só já tratou de oprimir.

Através de seus estudos e contribuições tão generosas para nossa sociedade educacional, podemos ler e estudar seus trabalhos e suas ideias tão libertadoras, que por diversas vezes nos encaixam tão bem.

Lamento dizer-lhe que ainda hoje, em pleno século XXI, somos oprimidos por um sistema que nos tira cada vez mais a liberdade de conduzirmos nossas aulas como gostaríamos. Nesse momento de pandemia de COVID-19, nunca me senti tão oprimida dentro da docência enquanto professora regente. Tudo vem pronto e nos é imposto, sem nem podermos questionar absolutamente nada. E o pior é que quando nos acostumamos com as mudanças feitas por esse sistema, eles mudam o que teoricamente com o tempo havia ficado bom, um verdadeiro jogo de gato e rato conosco e com nossos alunos.

Quem faz parte desse sistema com certeza nunca leu uma de suas obras, pois se tivessem lido e fossem seres que não gostassem de oprimir, nos ouviriam mais. Assim eu não seria uma

opressora (por diversas vezes) com os meus alunos, pois me cobram e eu os oprimo também.

Estão morrendo muitos de nossos educadores em decorrência dessa pandemia e o governo finge que não vê, não ouve e não escuta nossos clamores. Infelizmente, somos somente um número para eles.

Mas vamos rezando e seguindo firmes de que esses tempos difíceis irão passar e teremos de volta a liberdade que nos foi tirada em todos os sentidos. Estou ministrando minhas aulas em um sistema chamado híbrido, o qual não posso nem sequer chegar perto de meu aluno, pois o contágio da COVID 19 é muito alto. Enfim, eu fingindo que estou ensinando e eles fingindo que estão aprendendo. Uma grande tristeza.

Um dia iremos nos encontrar. Espero que demore. Então poderei ouvir seus conselhos e saber como você teria agido diante dessa situação caótica que estamos vivendo.

Um até breve.

Espero que você esteja bem.

Fabiane de Carvalho da Silva⁴⁸

⁴⁸ **Residência Pedagógica – Matemática - Unespar/ *Campus* Apucarana**

Apucarana, 10 de julho de 2021.

Excelentíssimo Paulo Freire,

Venho por meio desta demonstrar minha admiração por seu trabalho e informar-lhe a maneira com a qual suas obras impactaram minha vida enquanto graduando de licenciatura.

Foi no decorrer do meu Ensino Médio que ouvi o nome “Paulo Freire” pela primeira vez em meio a um debate acerca de vertentes políticas em sala de aula. Naquele momento, estávamos observando uma série de teóricos e o que os mesmos defendiam.

Lemos o que diziam aqueles que prezavam pelo conservadorismo, os que apoiavam um ideal de neutralidade política, que era o tema central da discussão naquele momento e, por sua vez, também havia os teóricos que apresentavam ideias de esquerda.

Entre os teóricos da esquerda, o nome Paulo Freire, atraiu minha atenção, não por seus princípios políticos, mas sim pela visão que o mesmo possuía acerca da educação.

Eu, como um graduando de licenciatura, um futuro educador, tenho muito respeito por sua vida e trabalho. Todavia,

o que realmente me impressiona é o quanto atuais seus escritos ainda são.

Entre suas obras mais conhecidas, a “Pedagogia do Oprimido” foi publicada no ano de 1968, há cerca de cinquenta anos, mas basta ler apenas um capítulo do livro para constatar o quanto as discussões apresentadas continuam extremamente relevantes.

Um ensino mais democrático, em que professor e aluno aprendem um com o outro, o fim da educação bancária, onde o docente simplesmente deposita conhecimento no discente são objetivos que até o presente momento buscamos alcançar.

A maneira com a qual a sociedade se organiza é uma preocupação de todos os que dela são membros constituintes, contudo, lendo suas obras, percebi que não se atenta somente ao modo com que ela se estrutura, mas sim a seus efeitos em sala de aula.

Um fato que pude observar em “Pedagogia do Oprimido”, quando fala acerca da relação entre opressor e oprimido – termos muito presentes em textos de Ciências Sociais – e seu impacto no âmbito acadêmico.

Essa foi a primeira vez que vi, em uma obra de cunho pedagógico, uma proposta de intervenção social, no caso o que

afirma é que a opressão deve chegar ao fim, contudo isso não deve ser feito de maneira rápida, visto que isso não resultaria no fim do opressor, tudo que ocorreria seria troca de posição entre opressor e oprimido, essa revolução, como o senhor a define, deve ocorrer de maneira lenta e gradativa.

Em todo o período que permaneci nas instituições de ensino, deparei-me com inúmeros profissionais, alguns que apoiavam os seus ideais e outros que não os aplicavam, todavia é de conhecimento geral que há muito mais exemplos de educação sistemática, a que definiu como “educação bancária”, do que uma educação realmente emancipadora e revolucionária, que visa a autonomia do educando.

Por fim, quero agradecê-lo por ter se dedicado tanto à educação, a ensinar-nos de que maneira poderíamos nos tornar, não só professores melhores, mas também indivíduos mais conscientes de nossa posição no sistema de ensino.

Atenciosamente,

Francisco Miguel Pryjmak⁴⁹

⁴⁹ Residência Pedagógica – Língua Portuguesa - Unespar/ *Campus Apucarana*

Paranavaí, 30 de junho de 2021.

Senhor Paulo Freire,

Eu gostaria de agradecer pelos ensinamentos no livro “Pedagogia do Oprimido” pois a leitura do mesmo acompanhada do Círculo de Debates sobre o livro me ajudaram a entender como funciona esse mundo de opressão de classes dominadoras que vivo, e também a saber sempre me entender como opressor e oprimido em diversas situações cotidianas.

Essas questões podem ser vistas nas escolas. Apesar de ainda não ter uma grande experiência no ambiente escolar, o círculo de debates, junto com contos de colegas, já me mostrou que existe opressão no processo educacional.

Muitas vezes os próprios professores são os opressores quando não estimulam o pensamento crítico e libertador dos alunos, isso pode acontecer muito por conta de falta de capacidade ou de vontade dos professores.

Acredito que o papel do docente é sempre instigar os seus alunos a pensarem, fazer com que eles sejam os protagonistas do processo de ensino e aprendizagem, e não os receptores dos conteúdos passados pelo professor. Entretanto, esse processo vai levar muito tempo, visto que necessita de toda uma mudança no sistema educacional e no preparo dos futuros docentes.

Outro ponto levado em consideração no debate foi as tecnologias, e se elas são um meio de opressão. Para mim, sim, elas são um meio de opressão, mas não deveriam ser, pois permite pessoas a se colocarem acima de outras pessoas ou

grupos sociais, subjugando-os e manipulando-os de várias formas, como por exemplo, as “fake news” na internet, que são notícias falsas vendidas como verdade, justamente para enganar o povo. Porém, vejo as tecnologias como um meio de ajudar a melhorar nossa sociedade, mas para isso precisamos saber utilizá-las da melhor forma possível.

Sendo assim, considero a Pedagogia do Oprimido uma obra atemporal, visto que as doutrinas que estão dentro desse livro ainda vão se estabelecer durante um longo tempo, pois ainda precisamos lutar muito pela liberdade e a desalienação da sociedade, dominada pelas classes opressoras. Por conta disso, círculos de debates sobre o livro como foi feito, são tão importantes e necessários principalmente para nós docentes.

Atenciosamente,

Juan Carlos Lima de Souza⁵⁰

⁵⁰ Residência Pedagógica– Educação Física - Unespar/ *Campus* Paranaíba

Curitiba, 30 de junho de 2021.

Caro Paulo Freire,

Prazer! Me chamo Giulia e sou aluna universitária nas áreas de Licenciatura em Teatro, na Unespar/FAP e em Psicologia, na Universidade Positivo. As universidades se encontram em Curitiba, mas sou de Fortaleza-CE.

Devo admitir que, a partir da leitura de sua obra, intitulada “Pedagogia do Oprimido”, recomendada pelo Pibid (por meio da Unespar) no qual eu estou inserida, obtive muito mais considerações e reflexões do que eu esperava anteriormente.

Apesar disso, tentarei manter tais percepções breves, pois diversas são as aplicabilidades, no cotidiano, dos ensinamentos contidos no livro em questão, visto que este diz muito acerca da estrutura social na qual todos estamos inseridos.

Uma das características do livro que mais me chamou a atenção foi o modo em que você demonstrou a importância de admitir que não possui conhecimento total, assim como a necessidade de saber dialogar com uma escuta ativa, de maneira que ambos os lados se comuniquem de maneira justa.

Lembrei-me logo de Sócrates, a quem é atribuído à afirmação “Só sei que nada sei”, e como você apresenta tais comportamentos no decorrer do livro, utilizando de diversas citações de outros estudiosos e pensadores, com teorias que convergem, de uma maneira ou de outra, com aquela que você estava fundamentando.

Ressalta-se, então, como você, reconhecido como o Patrono da Educação Brasileira, vê importância em conhecimentos externos a si, que o auxiliam a compor a sua teoria. Como futura professora, ainda aprendendo como funciona a docência, vejo a importância dessa troca de conhecimentos para com o outro, sabendo ouvir e absorver outras vivências e opiniões, desenvolvendo não só a mim como pessoa, mas também o modo de ensino-aprendizagem que é tão necessário no Brasil.

Sob essa perspectiva, devo admitir que, à medida que lia, fiz associações dos conteúdos presentes em cada capítulo com leituras anteriores minhas, visto que a comparação de tais memórias auxiliou no meu entendimento. Quando você mencionou a importância de compreender e aceitar a própria sombra, aprendendo a lidar com tal dualidade, lembrei de Carl Jung, que trabalha isso em sua abordagem psicanalítica.

Além disso, me interessei demais na reflexão que apontou a complexidade da dinâmica do opressor para com o oprimido e como o oprimido pode perpetuar tal opressão em outros contextos, como o familiar, e a necessidade do real conceito de liberdade, visando a união dos homens. Logo, me veio em mente títulos de livros muito comuns na cultura pop atual, os quais, apesar de não serem recentes, deixaram sua marca na literatura, como as obras do renomado George Orwell, com “A Revolução dos Bichos” e “1984”, em conjunto com “Laranja Mecânica”, do autor Anthony Burgess que trabalham, por meio de distopias, críticas acerca do modo em que a educação, bem-estar, conhecimento e diversos outros aspectos, compõem a liberdade de expressão e igualdade. Não obstante, pontuam como tais aspectos, apesar de tão importantes, são hierarquizados e limitados, contendo-se a apenas uma pequena parcela da população, que é privilegiada e, por meio do poder que lhes é concedido, oprimem, principalmente, pela exclusão. O oprimido, então, teme perder o pouco que tem ao se rebelar, pois é ensinado a ver seu “senhor” como maior e se enxergar como impotente, visto que este realmente se impõe como tal.

Além disso, ao citar passagens das obras de Karl Marx, logo pude entender a semelhança entre tais ideais, porque é

inegável a importância do conhecimento no processo de libertação, de ver o outro como igual na luta, e não como objeto, muito menos de dominação. Essa é a importância da dialética tão mencionada no decorrer do livro, e é imprescindível reconhecer o paralelo ao tornar conceitos tão macro, e micro, analisando-os em pequenas situações cotidianas, como uma sala de aula.

A educação brasileira sofre nos mais diversos aspectos, mas a relação educador e aluno, por mais que já tenham ocorrido diversas mudanças positivas no decorrer dos anos, ainda é limitada a um sistema educacional que tem como escopo a competição e a memorização de conteúdos depositados de maneira passiva nos jovens durante todo o seu desenvolvimento biopsicossocial, o qual é, também, excludente em diversas camadas da sociedade. Por isso, uma revolução é tão necessária, a fim de libertar o potencial tão intrínseco e, ainda assim, tão limitado ao humano.

Ademais, muito obrigada por todo o legado que você, Paulo Freire, deixou para a educação brasileira, de modo que nós, futura geração de educadores, devemos visar, constantemente, a democratização do conhecimento, buscando uma revolução que começa, inevitavelmente, por meio do saber e do senso crítico, fomentando o ato de questionar e compreender o mundo tão

complexo no qual nós, humanos, influenciados e somos influenciados por aquilo que nos rodeia. Devo acrescentar, também, que aquilo que é tido como “óbvio” precisa, constantemente, ser reforçado, e tal conceito se aplica à educação, que carece, mais do que nunca, ser tratada como essencial e prioritária, pois é ela que pauta as gerações seguintes e o modo que lidarão com crises.

Em síntese, sou grata por ter tido a oportunidade de entrar em contato com o trabalho que você construiu em vida, e mal posso esperar para ler mais de suas obras, pois creio que irá auxiliar a maneira na qual eu trabalharei a construção do meu profissionalismo, buscando sempre a linguagem e os conteúdos mais acessíveis, sem objetificar ou alienar o outro, assim como lutando para notar os cenários em que eu mesma seria alienada e objetificada.

Um abraço apertado,

Giulia Gabriele Lima Carvalho⁵¹

⁵¹ Pibid – Arte (Teatro) - Unespar/ *Campus Curitiba II*

Apucarana, 16 de julho de 2021.

Professor Paulo Freire,

No processo da minha formação docente, tive o prazer de me encontrar com pessoas que conheciam as suas palavras. Entre os diálogos sobre o livro *Pedagogia do Oprimido*, pude expandir a minha visão de mundo.

Antes de entrar na graduação, eu não me enxergava como oprimido. Estudei o ensino fundamental e médio em escolas públicas. Sempre me senti como se eu não estivesse me esforçando o suficiente, enquanto as relações entre os oprimidos e os opressores ditavam as regras por baixo dos panos. Sem o encontro com o senhor, por meio dos textos e colegas, eu estaria fadado a reproduzir as mesmas concepções da educação bancária na minha prática docente.

Muito obrigado por me fazer sujeito. Agora consigo enxergar no diálogo um caminho para a transformação social, por meio da educação.

Grato,

Diego Yuri Tsukahara⁵²

⁵² **Residência Pedagógica – Matemática – Unespar/ *Campus* Apucarana**

União da Vitória, 08 de maio de 2021.

Caro senhor Paulo Freire,

Me chamo Lucinéia de Almeida Lara, tenho 32 anos e resido na cidade de Porto União-SC. Estudo na Universidade Estadual do Paraná no curso de Pedagogia no *Campus* de União da Vitória – PR. Atualmente participo como bolsista de um projeto intitulado como Residência Pedagógica, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes).

Meu objetivo com esta carta é agradecer ao senhor por suas contribuições com a educação, que há anos vem servindo como base. Os seus trabalhos e pesquisas registrados nos livros tem me oferecido uma aprendizagem significativa durante meu percurso acadêmico.

O livro que mais marcou minha trajetória de estudos e ainda uso como referência em muitos trabalhos foi a “Pedagogia do Oprimido”, com o qual eu percebo e entendo através das suas falas sobre a importância de a educação ser libertadora.

Desse modo, me torno uma profissional com um pensamento crítico e reflexivo valorizando e respeitando as ideias

e posicionamento dos meus alunos, dando a eles abertura de falas de debate de diálogo sobre a educação nos dias atuais.

Acredito que essa educação deve ser pública, laica e de qualidade para todos, pois a escola é um espaço de transformação e informação do conhecimento e nós professores somos o mediador dessa aprendizagem e devemos buscar que ela seja significativa.

Agradeço o legado nos deixado de tão grandioso valor,

Lucinéia de Almeida Lara⁵³

⁵³ **Residência Pedagógica – Pedagogia – Unespar/ *Campus* União da Vitória**

Balsa Nova, 17 de julho de 2021.

Exímio senhor Paulo Freire,

Eu sou a Aline Emanuele de Lima Antunes, tenho 21 anos, atualmente estou cursando o 5º período de Licenciatura em Música na FAP (Faculdade de Artes do Paraná). Além disso, participo do Pibid e por meio do grupo de estudos, eu tive a oportunidade de entrar em contato com seus escritos, principalmente através da leitura do livro *A Pedagogia do Oprimido*, este foi realmente um divisor de águas em meu processo de formação, pois promoveu uma reflexão pessoal e muito profunda acerca de meu papel como educadora.

Todo o processo de discussão e dos debates em grupo foi muito significativo, são momentos como estes que nos inspiram para seguir como educadores que buscam pela vocação que é inerente a todos, a vocação do ser mais. Foi durante a faculdade que eu descobri essa paixão pela docência, algo que eu não esperava e não sentia de maneira tão intensa anteriormente. Entretanto, meus estudos me abriram um novo horizonte, uma nova maneira de ver o mundo e de estar presente nesta sociedade, fazendo a diferença na vida das pessoas, através da música e da educação.

Durante a leitura de seu livro, minha vontade se intensificou, pois este me mostrou como é nosso dever transformar a realidade em que estamos inseridos, por meio de uma nova forma de educação que preze pelo diálogo, pela construção de conhecimento conjunta e pela valorização dos

educandos. Tudo isso me levou a refletir sobre diversos processos históricos complexos, acerca da violência dos opressores, que infelizmente ainda é algo muito palpável, os processos educacionais bancários e a desumanização que ainda é tão presente em nossa contemporaneidade. Porém, além disso, seus escritos me trouxeram a vontade de despertar em meus educandos um diálogo crítico e libertador, que nos leva a tomar atitudes frente ao contexto que estamos inseridos.

Toda a reflexão possibilitada por essa e outras importantes leituras me fizeram vivenciar meu papel como educadora de outra maneira. Toda vez que eu piso no chão da escola, eu vejo uma infinidade de possibilidades. Isto, a princípio, é algo um tanto intimidador, mas com a grande responsabilidade vêm grandes possibilidades, pois cabe a nós mesmos transformar a nossa realidade, fazer o que nós podemos todos os dias.

Em cada uma de minhas aulas eu quero construir um conteúdo de maneira conjunta, mas, além disso, eu quero contribuir para a formação de uma nova sociedade que possa quebrar padrões de opressão, livrando-se das contradições e buscando humanizar a todas as pessoas. É difícil expressar o quanto estou crescendo pessoal e profissionalmente por meio da graduação, mas com certeza os debates promovidos foram essenciais.

No círculo de debate do livro *A Pedagogia do Oprimido*, nós tivemos uma experiência muito significativa, pois se ler o livro individualmente já foi muito enriquecedor, todas as discussões conjuntas provenientes da leitura foram ainda mais inspiradoras. Nós realizamos críticas, contextualizamos e trouxemos tudo para

a nossa realidade, foi muito impressionante olhar à minha volta e perceber os processos de opressão vigentes. Passei um bom tempo observando meu cotidiano com outros olhos e ressignificando minhas percepções perante a sociedade.

Muitas vezes eu me deparava com trechos de seu livro e sentia uma imensa vontade de compartilhar as minhas opiniões e debater ideias ali expressas. Apesar da passagem dos anos desde que o livro foi escrito, muitas situações se mantêm as mesmas, ainda podemos ver os processos de opressão vigentes, que se dão por meio desumanização, da “coisificação”, da invasão cultural, dentre tantos outros. Uma vez que se abre os olhos para a reflexão crítica acerca destes eventos, é quase impossível observar a realidade da mesma maneira.

Depois disto, ocorreu todo o processo de reflexão para entender como nós podemos contribuir para a construção de uma sociedade melhor, observando quais processos mudaram e quais continuam os mesmos. Pessoalmente, o questionamento que mais me instigou e inquietou foi como fugir de certos padrões negativos que são vistos com normalidade em nossa sociedade, especialmente no âmbito educacional e construir uma didática dialógica? Bom, para isto ainda não tive uma resposta e nem acredito que terei tão cedo, mas, eu não vejo isso como um problema, acredito que ser educador é se reinventar a cada dia.

Ninguém nunca está pronto, ou munido de um referencial teórico e um método perfeito, não podemos ficar acomodados com fórmulas, pois quando isto ocorre é hora de se reinventar. Nós trabalhamos com pessoas, com educandos, cheios de sonhos, vivências, contextos únicos, famílias e experiências. Não é

possível estar preparado para tudo, é necessário ouvir, o nosso papel não é depositar conhecimento, mas construí-lo de maneira conjunta. Sendo assim, tanto o educador quanto o educando são agentes do processo e se educam simultaneamente.

Um educador é sempre um pesquisador, é sempre alguém que está se reinventando e precisa estar aberto ao novo, a diferença que uma educação significativa pode promover na vida das pessoas é surpreendente. Gostaria de concluir com um profundo agradecimento, citando como a experiência de leitura e debate foram marcantes e inspiradoras em minha jornada, agora estou cheia de inquietações e esperanças para que possamos levar estes debates a mais pessoas e mais lugares.

Já está mais do que na hora de rever certos processos institucionalizados, buscar a nossa vocação inerente do ser mais, rever estes conceitos estagnantes da educação bancária e da desumanização. Em minha profissão quero me reinventar a cada dia para que eu possa me desvencilhar de certas tendências de nossa sociedade, investindo cada vez mais em uma educação baseada no diálogo, que possa ser relevante e quem sabe, a longo prazo, revolucionária. Quero investir nesta profunda confiança nas pessoas, em seus sonhos e na sua vocação de ser mais, acredito ser assim que possamos mudar o mundo, ou melhor ainda, revolucioná-lo!

Atenciosamente,

Aline Emanuele de Lima Antunes⁵⁴

⁵⁴ Pibid – Arte (Música) - Unespar/ *Campus Curitiba II*

Porto União, 22 de junho de 2021.

Caro Paulo Freire, por meio de tais palavras pretendo escrever o quanto suas contribuições educacionais mudaram meus pensamentos referente à educação brasileira e ao país em que vivo. Acredito que seus pensamentos não se limitam à educação, visto que a opressão não está apenas na sala de aula.

Por volta de 1970 ocorreram novas discussões sobre o fracasso escolar, sem atribuir a culpa unicamente ao método tradicional, o senhor era um dos pesquisadores preocupados com a educação, utilizando o método de identificação, combinando a realidade de adultos analfabetos a prática da alfabetização, método que foi um sucesso e é muito admirado por educadores de diversos contextos geográficos, infelizmente ainda não temos a educação propriamente freiriana no Brasil, contudo em algum momento creio que será possível.

A "educação bancária" infelizmente ainda está presente, muitos educadores enxergam seus alunos como meros receptores, como um sujeito passivo no processo de aprendizagem, sem se dar conta que seus papéis de aluno estão inacabados. A perspectiva tecnicista é muito perigosa e

prejudicial, a escola está "matando" a criatividade, o senso crítico, a bagagem cultural, formando alunos com mentes influenciáveis e alienadas.

Atualmente, muito se discute sobre inovação, inclusão, diversidade, mas geralmente é só na teoria, temos uma falsa ideia de que está tudo bem, sinto que a equidade é sinônimo de piada.

No cenário pandêmico a situação obviamente piorou muito, os alunos e os professores estão em casa em um ambiente cheio de distrações, com família, afazeres domésticos, sem a participação de colegas, todos diante de uma tela sem interação, carinho, afeto, brincadeira e socialização, tendo a tecnologia como aliada, mas é importante discutir que nem todos têm acesso, o aluno em vulnerabilidade social não se identifica com a “nova etapa” que a escola adaptou.

Uma das soluções para incluir tais alunos no processo é a impressão das atividades, que muitas vezes são perdidas, entregues em branco ou rasuradas, diante do fato temos muitos problemas, um deles é o grande desperdício de papel, e o outro é que as crianças não estão aprendendo, e como poderiam, não é mesmo?

Os professores tiveram que se adaptar ao ensino remoto sem nenhum preparo ou equipamento tecnológico próprio, a

relação professor e aluno não é a mesma, não há diálogo, o conhecimento é prejudicado.

Existem pessoas que não aprovam suas ideias, sei que o senhor concorda que todos têm direito de expor suas opiniões e está certo, a questão que levanto aqui é na verdade muito óbvia, quem está em posição dominante não quer sair dela, porém não acho justo que certas desigualdades continuem presentes, sem nenhuma política pública que altere o que estamos acostumados a suportar.

Diariamente percebo o quanto a liberdade é difícil, nos contentamos e acomodamos com o medo do incerto, das possibilidades desfavoráveis que podem ocorrer, há tantas injustiças que foram criadas por nós mesmos que só podem ser resolvidos pelos próprios indivíduos.

Apesar de tantos impasses, ainda acredito que as realidades podem mudar um dia, quando a ganância for desfeita e a empatia prevalecer.

A liberdade é um conceito fundamental para o entendimento revolucionário que o senhor tanto dialoga, é difícil libertar-se da opressão, contudo não é impossível. Muitos professores não reconhecem seu papel como educador e nem percebem tal situação, enquanto existem os educadores que

lutam por uma educação digna, em que o diálogo é fundamental, juntamente com o papel do aluno que identifica sua realidade no processo, por uma educação de qualidade, que valorize os saberes individuais, formando alunos críticos que não tem medo de expressar suas opiniões em uma sociedade desigual.

Desejo que a realidade brasileira um dia mude, e até lá continuo com esperança, sei que o senhor também era esperançoso, uma das mais belas características para romper o que tanto abominamos.

Saudações,

Brenda Nogara Floriano⁵⁵

⁵⁵ Pibid – Pedagogia - Unespar/ *Campus* União da Vitória

Paranaguá (PR), 11 de junho de 2021.

Ao querido mestre Paulo Freire,

Venho por meio deste, com o devido respeito diante do senhor que, embora não esteja mais conosco, petrificou suas ideias e ensinamentos em vida.

É sabido, caro mestre, que nossa educação rasteja e anda a passos curtos por conta da administração pública, todavia, nós operadores da educação levamos – mesmo com todas as dificuldades – a sua palavra e seus ensinamentos como dogma educacional. Caro mestre, tenho certeza que o senhor em vida jamais saberia o tamanho da importância dos seus pensamentos e de duas ações frente à educação atual. As nuances da educação e suas complexidades requerem não apenas boas administrações e profissionais aplicados, mas também suplicam por ideias e pensamentos revolucionários, como o do senhor.

O ano é de 2021, as coisas mudaram, a educação como já falado rasteja, estamos vivendo uma pandemia onde as medidas sanitárias requerem o distanciamento social e isso já faz um ano que nós, operadores da educação vivemos numa linha tênue entre a flexibilidade positiva e o descaso educacional. Isso pode ser explicado pelo fato de a maioria dos centros educacionais estarem atuando de forma remota – pela internet.

A linha tênue supracitada mostra-se clarividente na forma em que vivemos num país desigual socialmente e com isso muitos dos alunos não conseguem o acesso à internet para adquirir a educação a que têm direito. Ademais, importante salientar que

levando em conta a nossa desigualdade, muitos dos pais dos alunos não conseguem prestar o auxílio que lhes é necessário neste tipo de ensino, pois a aula aplicada remotamente, embora seja aplicada por profissionais competentes, não é suficiente para preencher a lacuna educacional e alfabetizadora de pequenos estudantes, que por sua vez necessitam da ajuda dos pais, estes que por sua vez, muitas vezes estão trabalhando para garantir o pão de cada dia.

Complexo né, Paulo? Pois é, este é o século XXI, este é o ano de 2021, e acredite, seus ensinamentos estão sendo, mais do que nunca, imprescindíveis para fomentar a máquina da educação.

Atenciosamente,

Francismara J. C. Hammud⁵⁶

⁵⁶ **Residência Pedagógica – Pedagogia- Unespar/ *Campus* Paranaguá**

Paranavaí, 26 de junho de 2021.

Caro professor Paulo Freire...

Estamos passando por uma fase difícil em nosso mundo, no qual um vírus mudou completamente nossas vidas. Todos nós tivemos que nos adaptar para continuarmos com a vida que tínhamos antes desta pandemia. E de modo geral, todos os setores foram afetados. Com a educação não poderia ser diferente, salas presenciais se tornaram salas virtuais, a identidade pessoal se tornou identidade *on-line*. Mas nem tudo são coisas negativas, temos pontos positivos, tais como a experiência que estou tendo e irei contar ao senhor.

Os dias de hoje me proporcionaram grandes oportunidades por conta do momento que nosso planeta está passando. As trocas de ideias e experiências com pessoas conceituadas de alto nível, pessoas que eram próximas das suas ideias, que relataram como foi a sua pessoa, e o quão importante continua sendo para educação.

Eu soube que realizava rodas de conversa, um método que tinha como base a realidade, o diálogo e relação dialética, como o senhor mesmo dizia que era o processo de conhecer o mundo, problematizá-lo, compreendê-lo e transformá-lo.

Hoje em dia essas rodas de conversa são bem diferentes, não sendo mais pessoalmente como faria, mas sim via internet. Entretanto, para mim está sendo de muita importância, e foi por meio dessas rodas de conversas *on-line* que tive a oportunidade de conhecer sua biografia e suas obras.

Eu participei de uma roda de conversa cujo assunto era uma de suas obras, a “Pedagogia do Oprimido”. O livro de modo geral passa uma ideia de que o oprimido sofre uma transformação social, e deve sair do papel de oprimido sem que se torne opressor, mas sim criar uma conscientização de que todos devem caminhar juntos.

Como disse anteriormente, participei de uma roda de conversa do capítulo “justificativa da pedagogia do oprimido”, no qual foram realizadas algumas perguntas sobre o tema e nós acadêmicos deveríamos entrar em debate e ouvir o pensamento do colega. Diante disso, a meu ver, essa roda de conversa foi de suma importância pois me ajudou a entender mais sobre o livro e a sua pedagogia.

Como acadêmico, eu participo do Programa Residência Pedagógica, que nos oferece inúmeras rodas de conversas e palestras sobre o senhor por ser um ícone na educação e por ser um ano comemorativo aos seus 100 anos.

A partir de uma obra apresentada, a "Pedagogia da Autonomia", pensei e refleti sobre como os professores devem ensinar os alunos a "Seres Mais", criando uma ação transformadora. Para isso, a vossa senhoria explicou sobre a ética crítica, a competência científica e a amorosidade autêntica, com base em engajamento político.

Durante as rodas de conversas, ouvi muito sobre o senhor, pessoas diziam que era um dos maiores críticos da pedagogia, relatando que somente os professores eram donos do conhecimento e o aluno mero conhecedor. E você sempre disse que para ensinar é preciso conhecer a experiência que o aluno

carrega. Dessa maneira, o professor então era capaz de realizar mudanças práticas no dia-a-dia.

Quero agradecer imensamente pelo legado que o senhor nos deixou, acredito que se tornou um ícone na educação e uma grande referência por suas atitudes e lutas pela mudança na educação brasileira, obrigado professor Paulo Freire.

Parabéns pelos seus 100 anos e pelo ensinamento deixado,

Atenciosamente, um grande adorador!

Marcel Caetano Virgulino dos Santos⁵⁷

⁵⁷ **Residência Pedagógica – Educação Física - Unespar/ *Campus* Paranaíba**

Mallet, 24 de junho de 2021.

Caro Paulo Freire...

Dou início a esta carta expondo a enorme admiração que tenho pelo seu excelente trabalho e pelo senhor. Como acadêmica, posso ter certeza de que seu trabalho faz parte da minha jornada de formação, que certamente fez parte da rotina dos educadores que se dedicam ao meu ensino e formação, e é com imenso prazer que irei aproveitar sempre todos os seus conhecimentos para proporcionar o melhor ao mundo.

Eu posso visualizar a sua grande importância para a educação, inclusive para a minha, e tentarei, nesta carta, demonstrar a gratidão por tal fator.

Seus ensinamentos são de extrema importância, uma vez que sabemos, como educadores em formação, que somos nós os sujeitos que necessitam ir em busca de transformar a sociedade e repassar nossos conhecimentos, ideias e, inclusive as suas, adiante. E com esse repasse de conhecimentos, sei que podemos mudar uma sociedade e um mundo para melhor.

Sei que essa transformação não irá ocorrer de um dia ao outro, e que preciso recordar todos os dias que somos seres em

evolução, uma sociedade que busca, mesmo que em pequeno ritmo, a evolução, se desvencilhar dos caminhos que ameaçam áreas que precisam ser valorizadas, se desvencilhar do que é ameaçador para nossa própria existência e para a existência de uma educação inclusiva e acima de tudo, libertadora, que nos proporcione mais vontade de avançar a cada novo dia.

Deste modo, concluo minha carta ao senhor, expondo mais uma vez a enorme admiração que tenho, e certamente irei adquirir ao longo dos anos em que estarei em formação e nos anos seguintes, atuando no cenário educacional, em busca de proporcionar mudanças, sempre para o melhor e repassar sua importante mensagem e conhecimentos, que devem atingir o maior número de pessoas possíveis. É uma honra escrever para o senhor.

Atenciosamente,

Bruna Kémyli Janiak Zwierzykowski⁵⁸

⁵⁸ Pibid – Pedagogia - Unespar/ *Campus* União da Vitória

Paranavaí, 10 de julho de 2021.

Querido Paulo Freire,

Eu escrevo esta carta para contar um pouquinho da experiência que seu livro "Pedagogia do Oprimido" me proporcionou. Mas, antes vou apresentar-me.

Thais de Sousa foi o nome que meus pais escolheram para me batizar, e assim sou chamada por todos. Durante toda minha trajetória escolar, sempre tive ótimos professores e, isso ajudou na escolha do curso, que atualmente frequento, acadêmica de Educação Física e bolsista do projeto da Residência pedagógica, no qual estou tendo a oportunidade de ampliar meu conhecimento diante das inúmeras palestras e atividades desenvolvidas.

Seu livro "Pedagogia do Oprimido" proporcionou principalmente a participação de uma roda de conversa com outros acadêmicos de outras universidades, outras cidades, outros cursos e do projeto como o Pibid. Na roda de conversa, discutimos o terceiro capítulo "A Dialogicidade: Essência da Educação como Prática da Liberdade".

Sem mais delongas, meu objetivo com essa carta é agradecer por todos os pensamentos deixados e registrados, para que me permita pensar e discutir tudo aquilo que me intriga, para ser mais curiosa e despertadora de curiosidades, para daí surgir o diálogo.

Com carinho, acadêmica,

Thais de Sousa⁵⁹

⁵⁹ Residência Pedagógica – Educação Física - Unespar/ *Campus Paranaíba*

Nota do revisor:

As cartas foram revisadas levando em consideração mais a expressão autoral, a fim de preservar a originalidade linguística de cada remetente, menos em sua adequação à norma padrão da Língua Portuguesa. Aspectos práticos de escrita foram corrigidos diretamente no texto para que a fluidez da leitura e a organização das frases, bem com sua mínima coesão e coerência, pudessem ser asseguradas. Questões mais complexas de sentido e estrutura sintática global foram relevadas.



ISBN: 978-65-00-32668-0

QR

9 786500 326680

